

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Estudo de caso sobre exposição a violência intrafamiliar de uma criança
PAEE

Juliana Maschio Pereira

São Carlos
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Estudo de caso sobre exposição a violência intrafamiliar de uma criança
PAEE

Juliana Maschio Pereira

“Trabalho de Conclusão de Curso III” do
curso de Licenciatura em Educação
Especial da Universidade Federal de São
Carlos (UFSCar).
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sabrina
Mazo D’Affonseca

São Carlos

2017

Dedico esse trabalho aos meus pais, pois foi através do esforço deles que consegui me manter na universidade, mesmo passando por uma situação

financeira complicada sempre me incentivaram a prosseguir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Jeová por sempre estar presente na minha vida e toda honra e todo a glória pertence a ele.

Aos meus pais pelo amor e carinho e apoio a minha formação, juntos os dois me ensinaram o quanto é importante ser honesta e seguir no caminho que me faz feliz.

À minha orientadora, Sabrina Mazo D`Affonseca, que me auxiliou na construção do trabalho, pela dedicação e paciência comigo e por ser uma pessoa que transborda luz por onde passa.

Agradeço também a alguns professores do curso Licenciatura em Educação Especial da UFSCar, que me incentivaram a seguir em frente quando pensei em desistir.

E a alguns amigos que sempre me estenderam a mão quando necessitei de ajuda.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	7
1.1. Violência intrafamiliar.....	10
1.2. Violência e deficiência.....	16
1.3. Trajetória escolar.....	17
2.MÉTODO.....	20
2.1. Participantes.....	20
2.2. Local	20
2.3. Instrumento.....	20
2.4. Aspectos éticos.....	22
2.5. Procedimentos	22
2.6. Análise de dados.....	23
3.RESULTADOS.....	24
4. DISCUSSÃO.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICE.....	43
ANEXOS.....	44

RESUMO

O presente trabalho descreve um estudo de caso com o objetivo averiguar o impacto da violência intrafamiliar no desempenho acadêmico de crianças do público alvo da educação especial considerando as condições da criança com deficiência exposta a esse contexto de violência. Os participantes foram uma criança com deficiência em período de escolarização, sua mãe e a professora da sala regular da escola que frequentava. Os resultados apontaram a baixa qualidade das relações familiares e o impacto na vida acadêmica da criança. Concluiu-se que a baixa qualidade das interações do ambiente familiar podem ser agravantes para a aprendizagem do aluno público alvo da educação especial.

Palavras-chave: Educação Especial, Violência intrafamiliar, Criança PAEE

INTRODUÇÃO

Inúmeras crianças estão expostas cotidianamente à violência dentro de seus lares, o que pode comprometer suas relações familiares e sociais, sua qualidade de vida, e suas atividades acadêmicas. A presente pesquisa objetivou sondar a exposição a violência intrafamiliar no cotidiano de uma criança público alvo da educação especial¹.

Entende-se como família no sentido clássico da palavra parentes de ligação sanguínea ou pessoas ligadas por laços afetivos como casamento, união estável ou adoção. É um grupo em que os membros cooperam economicamente, cuidam dos membros mais frágeis, como, por exemplo, as crianças, e consideram a identidade intimamente conectada entre os membros. Contudo o grupo familiar também está associado a comunidade histórica, geográfica e cultural podendo influenciar e ser influenciado por esses sistemas (BONOMI ET AL, 2005 *apud* TEODORO, CARDOSO & FREITAS, 2010; SCHNEEWIND, 1999). Atualmente nota-se que a constituição de família, vem recebendo diversos tipos de configurações. Hoje, além da família nuclear constituída por pai, mãe e filhos, temos também famílias monoparentais (chefiadas por um genitor não casado ou divorciado), famílias recasadas e famílias homoafetivas (constituídas por figuras parentais do mesmo gênero) (WALSH, 2016).

Ainda de acordo com Walsh (2016), essas variações nos formatos de família vem se desenvolvendo historicamente. Na sociedade pré-industrial as unidades familiares se reconfiguravam a partir de morte parental precoce, isso levava ao recasamento e famílias adotivas ou também a recolocação da criança em um outro lar ou em orfanatos. A realidade das famílias norte-americana da metade do século XX ilustrava um cenário típico daquele período, tios, tias e padrinhos desempenhavam o papel de educar e cuidar das criação das crianças como pais substitutos. Algumas culturas até hoje

¹ Com base na Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva são considerados público alvo da educação especial alunos com deficiências sensoriais e/ou físicas, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. **Fonte bibliográfica inválida especificada.**

ainda mantem esses hábitos que perpassam gerações e marcam historicamente determinadas regiões do mundo.

A família idealizada naquele período era a família nuclear intacta, sujeitos de classe média e brancos e assim foi por um longo período de tempo. (WALSH, 2016). A era industrial foi o marco inicial para a primeira definição de família, a nuclear. Esse período iniciou-se a partir dos anos 50 nos Estados Unidos e se arranhou da seguinte forma, dois genitores, filhos e idosos, o homem pai e provedor das necessidades da família, a mãe dona de casa em tempo integral que passava o tempo se dedicando aos filhos e idosos. Esse modelo de família chamada nuclear sofreu modificação com o tempo, uma vez que houve a necessidade da mulher ocupar espaço no mercado de trabalho para suprir as necessidades do lar, com isso ouve uma redução no número de filhos.

Contudo as famílias passaram a ter um menor número de filhos e os pais passaram a ter um papel fundamental na economia do lar. A mulher então passou a ter a oportunidade de seguir carreira, e lidar como problemas atemporais como, pressão econômica, divórcio e a viuvez e horários flexíveis de trabalho e creche para os filhos. (COOKE;BAXTER;2010).

Culturalmente o casamento passou a ser por séculos o marco inicial para a construção da família sendo ele de espontânea vontade ou obrigatório. Desde muitos anos as uniões só eram consideradas validadas perante a lei e a sociedade. A predileção social era que acontecesse entre homem e mulher e a separação vista como negativa e algo ruim principalmente para a mulher que era depreciada. A obrigatoriedade do casamento nos tempos atuais não mudaram em algumas culturas, mas em outras como a que vivemos se tornou flexível não pautado em gênero e sim nas intensões de construção familiar. As famílias então passaram ser configuradas de diferentes maneiras como por exemplo pais que são namorados, moram e casas separadas, tem noivos(as) companheiros(as), tem a guarda compartilhada ou são casais do mesmo sexo. (BAPTISTA; TEODORO,2012).

Hoje em dia a constituição familiar não apresenta tamanha rigidez faz tanto sentido quando relacionamos aos tempos antigos, as diversas configurações familiares, praticas parentais, cresças culturais e pessoais

fazem parte desse montante até mesmo o tempo e as mudanças políticas sociais e econômicas das últimas décadas também influenciaram a construção familiar. Além disso as teorias de normalidade familiar foram construídas por grupos dominantes que ligados a religião ou ciência para padronizar os que não se encaixavam nos padrões exigidos por eles. (CHERLIN,2010).

Buscando entender as concepções variadas de normalidade familiar percebe-se que é problemático o uso de tal termo, pois à conceitos diferentes dependendo da cultura de quem observa, por exemplo essa rotulação pode ter significados diferentes na visão de um pesquisador ou até mesmo da própria família. Visto que os sentido dessa palavra passa a ser entendido como, livre de problemas ou sadias, entre outros, (WALSH, 2016).

Para que a família seja considerada saudável e tenha uma estrutura emocional segura é importante que seus membros tenham uma boa relação entre si, deste modo Baptista e Teodoro (2012) afirmam que,

Uma boa vinculação com pessoas com pessoas próximas, relações estáveis, face a face, comunicação e manutenção de respeito à hierarquia. (BAPTISTA; TEODORO,2012, P.158).

Assim pode-se afirmar que problemas de dificuldades de interação entre os envolvidos nesse processo, podem ser prejudicial para o desenvolvimento saudável da família independentemente da configuração em que ela se manifesta.

Estudos como de cruz, Abreu-lima(2012), Ferriolli, Maturano; Puntel. (2007), analisaram a qualidade do ambiente familiar e os problemas de saúde mental infantil apontam que família pode ser um fator de proteção social indissociável na construção de identidade da criança e no fortalecimento de laços entre seus membros, na construção de regras, na demarcação de espaços físicos, no desenvolvimento de conceitos relativos ao respeito, à privacidade e a hierarquia. Mas, os valores, as crenças, as expectativas e os padrões de comportamento dos pais influenciam no clima instalado no lar e

podem também produzir contextos adversos a um relacionamento familiar saudável (LOOS; CASSEMIRO, 2010), como podemos observar em situações em que há violência entre os membros familiares.

1.1 Violência intrafamiliar

A violência intrafamiliar pode ser definida por:

“Toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de um membro da família. Pode ser cometida dentro e fora de casa, por qualquer integrante da família que esteja em relação de poder com a pessoa agredida. Inclui também as pessoas que estão exercendo a função de pai ou mãe, mesmo sem laços de sangue (BARSTED, 1998 p.42)

Infelizmente a violência intrafamiliar não é um fato novo nos lares de crianças e adolescentes, embora apenas nas últimas décadas as atenções de pesquisadores e profissionais tenham se voltado a esse aspecto. Há várias formas nas quais a criança pode estar exposta à violência no seio familiar. Ela pode sofrer maus-tratos físicos, psicológicos, sexuais ou ser negligenciada, ou ela pode viver em um ambiente no qual ocorra violência entre seus membros, em especial, a violência entre parceiros íntimos². (HOLDEN 2003).

Em relação ao fato da criança viver em um lar onde ocorra violência entre parceiros íntimos, Holden (2003) buscou realizar uma taxonomia da exposição da criança a violência baseado em entrevistas qualitativas de crianças e mães, concluindo que a exposição à violência é um construto muito mais complexo do que se determinar se a criança está ou não exposta à violência. De acordo com o autor, as formas de exposição da criança a violência podem ser separadas em dez categorias distintas: (1) exposta antes do nascimento (efeitos reais ou imaginados de violência no feto em desenvolvimento), (2) intervenção (a criança tenta impedir a agressão contra a sua mãe física ou verbalmente), (3) vitimizada (a criança é agredida física ou verbalmente durante a agressão à mãe), (4) participante (a criança é forçada ou se junta “voluntariamente” ao agressor na agressão), (5) vítima visual (a criança assiste a agressão diretamente), (6) ouvir por acaso (a

² Refere-se a violência física, psicológica (incluindo atos coercitivos), sexual e perseguição por um parceiro atual ou ex-parceiro íntimo **Fonte bibliográfica inválida especificada..**

criança ouve, embora não veja a agressão), (7) ver os efeitos iniciais (a criança vê as consequências imediatas da agressão), (8) experimentar as consequências (a criança se depara com mudanças em sua vida como consequência da agressão, por exemplo separação dos pais, ser retirada do lar e ir para um abrigo ou casa de parentes), (9) ouvir a respeito (é dito a criança ou ela escuta conversas sobre a agressão sofrida pela sua mãe) e (10) ostensivamente ignorada (a criança não sabe sobre a agressão).

Como podem ser observados, os tipos de exposição variam desde estar ativamente envolvida na agressão até ignorar completamente o fato, sendo que as seis primeiras categorias refletem algum tipo de envolvimento direto com o incidente violento e as quatro últimas com algum tipo de envolvimento indireto. Embora Holden (2003) tenha dividido a exposição à violência em categorias distintas, na prática o que se observa é a coocorrência de algumas categorias (por exemplo, uma criança que assiste a agressão dificilmente não irá observar as consequências da violência). Além disso, a criança pode estar exposta a diferentes categorias ao longo do tempo, pois, a violência pode mudar de configuração ou mesmo de intensidade.

A preocupação com a exposição da criança à violência recai sobre as consequências que essa situação tem para a saúde física, psicológica e social dessa população. Dentre alguns impactos no desenvolvimento cognitivo e emocional que a criança exposta à violência pode apresentar, pode-se citar: raiva, medo e ansiedade; disfunções somáticas; quadros de ansiedade e depressão; agressividade; isolamento; baixa autoestima; problemas de interações; problemas de conduta e ajustamento; baixa competência social; sintomas de Transtorno de Estresse Pós-Traumático; baixo desempenho acadêmico; negligentes em suas atividades; aceitação e tolerância da violência; abuso de bebidas alcoólicas e drogas; envolvimento em atos violentos; promiscuidade; prostituição; gravidez precoce; casamento precoce e suicídio (Azevedo; Guerra, 1995; Brancalhone ;Williams., 2003; Holt, Buckley ; Whelan, 2008; Sinclair, 1985).

Além dos sintomas descritos anteriormente, em um estudo realizado com 239 estudantes, com idades entre 11 e 15 anos, Pinheiro e Williams

(2009) verificaram que estar exposto à violência entre parceiros íntimos esteve associado com ser alvo/autor de *bullying* na escola, especialmente para as meninas, indicando que a exposição à violência pode afetar a qualidade dos relacionamentos interpessoais. Dentro de uma perspectiva desenvolvimental, crescer em um ambiente abusivo pode afetar criticamente o progresso do desenvolvimento e as habilidades pessoais da criança, de tal maneira que o efeito acumulado pode ser levado a idade adulta e contribuir para a perpetuação do ciclo de violência e adversidade (Levendosky & Graham-Bermann, 1999).

Vale destacar que em uma revisão da literatura sobre o impacto da exposição da criança a violência doméstica, Holt, Buckley e Whelan (2008) relataram que os efeitos da exposição da criança à violência variam marcadamente nas pesquisas realizadas dependendo das variáveis utilizadas e dos fatores de risco e proteção considerados. Contudo, Jouriles et al (1998, citado por Holt, Buckley ; Whelan, 2008) em uma pesquisa com 155 crianças de 8-12 anos, observaram que a severidade da violência, independente da criança ter ou não visto a agressão, influenciava o quão traumático ela era para a criança. Outro ponto importante de ter em vista refere-se ao impacto variado nos diferentes estágios do desenvolvimento infantil, com as exposições mais precoces e prolongadas levando ao aparecimento de problemas mais severos, pois eles afetam as etapas subsequentes de desenvolvimento (Holt, Buckley, & Whelan, 2008).

As crianças de três a seis anos podem estar mais frequentemente expostas à violência, sendo essa fase considerada como aquela em que as crianças exibem uma maior quantidade de problemas, o que leva a maiores dificuldades nos cuidados (Holt, Buckley; Whelan, 2008). Tal cenário pode se tornar ainda mais complicado quando pensamos em uma criança com suspeita de ser público-alvo da educação especial, visto que tal suspeita se dá comumente nessa faixa etária. Exceto os casos em que a criança tenha uma deficiência física, sensorial ou que seja facilmente identificada logo após o nascimento, ou nos primeiros anos de vida, existe a possibilidade de uma avaliação realizada por profissionais que não levem em conta a exposição da criança à violência ser erroneamente interpretada como um sintoma de

alguma condição levando a diagnósticos equivocados ou a uma indefinição quanto à atuação necessária para aquele caso. Ao negligenciar a exposição à violência, ações necessárias para ajudar a criança compreender a situação que ela está vivenciando, assim como para a mãe interromper o ciclo de violência, não são realizadas e a criança se mantém exposta a fatores de risco prejudiciais ao seu desenvolvimento.

Embora estudos tenham apontado que ter um histórico de exposição à violência entre parceiros íntimos ou a maus-tratos e negligência na infância esteja associada a uma maior probabilidade de ser vítima/agressor na idade adulta, nem todas as crianças que foram expostas à violência doméstica estão destinadas a repetir os mesmos padrões dos pais. Algumas podem rejeitar completamente o uso da violência e apresentar comportamentos mais saudáveis. O fator que determina a interrupção do ciclo de violência é a experiência de relacionamentos não abusivos com outros adultos, com os pares e com os irmãos. (Graham-Bermann, 2002; Holden, 1998; Holt, Buckley ; Whelan, 2008; Sinclair, 1985).

Além disso, Holden (1998) destaca alguns fatores de proteção para a criança exposta a violência, entre eles: o nível educacional da mãe, baixo nível de depressão da mãe, status socioeconômico e estilo parental empregado pelos pais. Somam-se a esses fatores algumas variáveis que podem moderar ou mediar os efeitos da violência conjugal, são elas: natureza da violência (severidade e cronicidade); etnicidade; nível de estresse experienciado pelas mães, qualidade da maternagem, ser alvo de abuso físico ou verbal e características da criança (auto-estima, forma de lidar com as situações, temperamento etc.) (Holden, 1998).

Como visto anteriormente, estar exposto à violência acarreta consequências a curto, médio e longo prazo para o bem-estar físico e psicológico de crianças e adolescentes (Bender, 2004; Brancalhone, Fogo & Williams, 2004; Brancalhone & Williams, 2003; Capaldi, Kim, & Pears, 2009; Dahlberg & Simon, 2006; O'Leary & Woodin, 2006; Paula; cols., 2008; Tucunduva ; Weber, 2008). Sendo, portanto, um fator de risco importante a se considerar quando pensamos na prevenção da violência.

Ademais, em uma revisão de literatura realizada por Tucunduva e Weber (2008) a respeito da interação e fatores familiares que representam proteção e risco para o desenvolvimento de crianças e adolescentes notou-se que os conflitos familiares, punição física, afeto e o envolvimento parental são, respectivamente, os fatores de risco e proteção mais citados na literatura. Nesse mesmo sentido, Bolsoni-Silva; Marturano (2002) demonstraram que o ambiente familiar e as práticas educativas parentais são fatores que podem tanto promover o desenvolvimento de comportamentos socialmente adequados como também favorecer o surgimento de comportamentos problemas. Cecconelo ; Antoni ; Koller (2003) destacam a importância das práticas e dos estilos parentais como um fator potencial de proteção ou de risco para o abuso físico, sendo esses, portanto, fatores importantes de se avaliar para prevenir a ocorrência ou o agravamento de problemas decorrentes da violência no ambiente do lar.

Logo, qualquer criança que vive em um ambiente com violência ou ameaça de violência é uma criança que precisa de proteção, pois um homem que agride uma mulher pode também agredir seu filho(a); uma mulher que é vitimizada pode eventualmente dirigir sua raiva e frustração ao seu filho; uma criança pode se ferir acidentalmente tentando interromper a violência contra sua mãe e uma criança que testemunha a violência em casa pode tornar-se um homem agressivo ou uma mulher vitimizada (Graham-Bermann, 2002; Holt, Buckley ; Whelan, 2008; Sinclair, 1985), de tal maneira que ao prevenir a violência contra a mulher, estamos também prevenindo os maus tratos infantis.

Vale acrescentar também que uma mãe que vivencia agressões físicas e psicológicas do parceiro, muitas vezes não está em condições de estabelecer um relacionamento adequado com seus filhos. Pesquisadores da área como (Corrêa, Williams,2000; Silva, 2000; Picado,2006. Meneghel, Giugliani, Falceto; Gomide,1998), investigaram a respeito dos efeitos da violência conjugal nos comportamentos da mãe em relação a seus filhos indicam que, devido a todas as consequências que a violência pode acarretar na saúde física e psicológica dessa mulher, elas apresentariam maiores dificuldades nos cuidados com os filhos que as mães que não tivessem esse histórico.

De fato, estudos têm demonstrado que a qualidade da maternagem e a habilidade de ambos os pais em lidar com as necessidades da criança é comprometida em ambientes domésticos violentos (Finger et al., 2009; Holt, Buckley; Whelan, 2008; Hughes; Huth-Bocks, 2007; Levendosky, Leahy, Bogat, Davidson ; Von Eye, 2006; Paterson et al., 2008; Zerk, Martin ;Proeve, 2009). Alguns autores chegam a relacionar a violência sofrida pela mulher como um fator de risco para essa mulher vir a agredir os seus filhos (Capaldi, Kim, & Pears, 2009; Holden, 2007; Chaffin;Schmidt, 2006; Dahlberg; Simon, 2006; O'Leary; Woodin, 2006), sendo que em pesquisa realizada por Casanueva, Martin; Runyan (2009) constatou-se que mães que sofrem violência conjugal têm um risco maior de vir a perpetrar maus-tratos quando comparadas com mães que não apresentaram esse histórico, o que se torna alarmante, pois em uma revisão sobre fatores de risco e proteção ao desenvolvimento infantil, Maia e Williams (2005) destacaram o estudo de Barnett (1997),o qual aponta que nenhum outro fator de risco tem associação mais forte com a psicopatologia do desenvolvimento do que uma criança vítima de maus tratos relacionados ao abuso e a negligencia podendo influenciar negativamente em áreas como o desempenho acadêmico e sócioemocional.

De maneira geral, alguns dados de pesquisa revisados por Holt, Buckley; Whelan (2008) demonstram que mulheres que sofrem abuso contínuo têm o seu relacionamento afetado com a criança, o que pode levar a um impacto negativo nas suas capacidades maternas e na qualidade do apego estabelecido entre ela e seus filhos. Estresse materno e depressão podem fazer com que as mães se tornem emocionalmente distantes, indisponíveis ou mesmo abusivas, de tal maneira que a energia emocional e o tempo com a criança fica severamente comprometido (Holden, 2003). Além disso, a violência conjugal tem um impacto negativo na habilidade da mulher desenvolver autoridade e controle sob sua criança (Levendosky, Lynch; Graham-Bermann, 2000), o que pode levar a uma parentagem mais autoritária ou permissiva.

Desse modo, filhos de mães com histórico de violência conjugal estão expostos a uma série de riscos para seu desenvolvimento físico e psicológico

(Holden, Stein, Ritchie, Harris; Jouriles, 1998), porém, há uma grande variabilidade nos resultados da variável acima para o desenvolvimento das crianças, a qual pode ser explicada por pelo menos três razões: a) o tipo e extensão da violência; b) características da própria criança; e c) a parentagem recebida por essa criança. Os autores afirmam, entretanto, que a terceira variável tem sido amplamente negligenciada pela literatura, apesar da crença de ser ela associada a problemas de comportamento infantil.

Isto é, de acordo com Holden e cols. (1998), poucos estudos incluíram medidas de parentagem em lares violentos ou tentaram relacionar variáveis parentais a problemas de comportamento em crianças. Radford e Hester (2001) consideram que pouco se escreveu sobre a maternagem num contexto abusivo, quer sob a ótica da experiência da mulher, quer sob a ótica da experiência da criança, quer em termos de revisão de políticas públicas ou no discurso acadêmico. Além disso, poucos estudos focaram a parentagem de mães que vivem em lares violentos e tem filhos com algum tipo de deficiência, uma população mais vulnerável a sofrer maus-tratos.

1.2. Violência e deficiência

O indivíduo público alvo da educação especial (PAEE) está mais vulnerável a ser vítima de violência quando comparado a uma pessoa com desenvolvimento típico, sendo que a vulnerabilidade aumenta quando o mesmo pertence a um grupo de risco como é o caso de mulheres e crianças, (WILLIAMS, 2003). Ou seja, ao lado da faixa etária, gênero e situação socioeconômica, a deficiência está entre os diferentes fatores que podem aumentar a exposição da pessoa a atos de violência (OMS, 2002).

Para compreender essa maior vulnerabilidade dos indivíduos PAEE, vale ponderar alguns contextos que contribuem para o aparecimento da violência. De acordo com Pereira, Lopes e Gomes (s/d), no Brasil, historicamente, a deficiência foi associada à pobreza, sendo que recentemente, a exposição a um contexto de violência tem sido apontada como causa e consequência da deficiência. Por exemplo, um número considerável de bebês nasce com deficiência física, cognitiva ou sensorial em

decorrência de um histórico de agressão durante a gestação (WILLIAMS, 2003).

Há outros aspectos relacionados à maior vulnerabilidade do PAEE sofrer violência. Ao conviver com pais ou membros familiares sem conhecimento de suas necessidades específicas, a criança pode ser negligenciada nos seus cuidados ou ter cobranças não condizentes com suas capacidades. Isto é, a falta de habilidade e conhecimento sobre os comportamentos da criança podem favorecer a ocorrência da violência. Em um levantamento realizado pela Secretaria dos Direitos da Pessoa com deficiência (<http://violenciaedeficiencia.sedpcd.sp.gov.br/>) ao traçar o perfil dos casos denunciados, verificou-se que em uma parcela considerável ocorria uma tensão entre a pessoa cuidada e o cuidador (geralmente um membro da família), a qual era originada pelo estresse decorrente da atenção ininterrupta; pela dependência física, econômica e psicológica da pessoa com deficiência frente ao cuidador; e pelas dificuldades financeiras decorrentes do fato de tanto o cuidador quanto a pessoa com deficiência, em geral, não ter uma atividade remunerada.

Torna-se evidente, portanto, que as pessoas com deficiência podem estar expostas a fatores de risco específicos, sendo que a tal exposição não é igual para todas as pessoas com deficiência, já que esta é influenciada por outros pontos, como a incidência de fatores ambientais, socioeconômicos, a variedade dos tipos e gravidades da deficiência em cada caso. Hipotetiza-se, portanto, que a exposição à violência entre parceiros íntimos seria um fator de risco que influenciaria o bem-estar físico e socioemocional da criança e adolescente PAEE e, em especial, o seu desempenho acadêmico. Estudos da área comumente ignoram a condição da criança que convive com essa situação em seu lar, sendo importante identificar peculiaridades relativas aos efeitos da exposição à violência no desenvolvimento de crianças PAEE, uma vez que a prevenção à violência contra pessoas com deficiência parte da premissa de que é necessário garantir autonomia, conhecimento e os meios para esse público se proteger (KANE, 2008), o que poderia estar prejudicado nesses contextos.

1.3. Trajetória escolar

Os anos escolares contemplam a maior parte da vida da criança, sendo dividido comumente entre a casa e a escola. No ambiente escolar a criança estará exposta a regras de convivência, a exigências comportamentais e acadêmicas, sendo um momento de estabelecer novos vínculos com professores, funcionários e colegas. O primeiro contato da criança com a escola acontece na educação infantil, uma fase da escolarização voltada para a socialização e o contato com os pares. No início do ensino fundamental, a criança começa a se deparar com novas demandas acadêmicas e interpessoais, aprimorando suas habilidades motoras, sociais e afetivas, além da leitura e da escrita e compreensão do mundo a sua volta, sendo um período crucial para o desenvolvimento da criança (D'AVILA-BACARJI; MATURANO, 2005).

Ter um bom desempenho acadêmico associa-se a melhores oportunidades acadêmicas e profissionais. O desenvolvimento acadêmico refere-se à capacidade do aluno em compreender e desenvolver atividades de leitura e escrita e habilidades matemáticas dentro do contexto escolar. As dificuldades de rendimento escolar podem estar ligadas a variáveis presentes no contexto natural ou estar relacionado a transtornos sensoriais, neurológicos, emocionais e/ou educacionais necessitando de estratégias em médio e longo prazo (MACHADO, ALMEIDA, 2013). Isto é, grande parte dos alunos que evade das escolas, o fazem devido a questões cognitivas e emocionais dos alunos, a fatores socioculturais, a variáveis institucionais e fatores ligados à geografia, economia e a política (CERATTI, 2008).

Considerando que questões emocionais possam estar associadas a práticas parentais e a exposição da violência e, como visto, tem um papel relevante no desempenho acadêmico de estudantes, vislumbra-se a importância de avaliar a influência dessas variáveis de modo a realizar ações que previnam um baixo aproveitamento acadêmico, em especial para alunos PAEE. Pode-se inferir a partir dos achados da literatura que reflexos da organização familiar influenciam no desempenho de atividades escolares.

A escola e o ambiente familiar estão interligados e fazem parte da vida da criança durante boa parte do seu desenvolvimento. Ter um ambiente

familiar que oferece a criança oportunidade de aprimorar os conteúdos acadêmicos e ter uma rotina organizada e espaço para o lazer favorece o crescimento socioemocional desta criança. Por outro lado, um ambiente familiar em que a criança está exposta a violência pode causar prejuízos que podem afetar o desenvolvimento cognitivo e acadêmico (Brancalhone & Williams, 2003). Vale destacar que os estudos estabelecem tais relações sem considerar a condição da criança avaliada. Tendo em vista que uma criança PAEE teria a presença de um número maior de fatores de risco ao seu desenvolvimento, como por exemplo, uma vulnerabilidade maior de ser vítima de violência física, psicológica, sexual e negligência, além de uma menor expectativa da família quanto ao seu desenvolvimento de atividades diárias e conquistas acadêmicas, hipotetiza-se que tais fatores contribuiriam para uma menor qualidade de interação familiar da criança PAEE. Logo, a presente pesquisa objetiva sondar a exposição a violência intrafamiliar no cotidiano de uma criança público alvo da educação especial.

MÉTODO

2.1. Participantes

Participaram da pesquisa uma criança de 8 anos de idade e frequentava o 2º ano da escola regular, com diagnóstico de autismo e deficiência intelectual, sua mãe e a professora da sala regular da escola em que frequentava. Vale destacar que foram contatadas por meio de telefonema e carta convite (Apêndice), quatro famílias que estavam dentro dos critérios de inclusão da pesquisa³, no entanto, apenas uma retornou o convite da pesquisadora.

2.2. Local

A coleta de dados ocorreu em uma cidade do interior de São Paulo, em dois locais, primeiro na casa da família participante com mãe e aluno e em seguida nas dependências da escola com a professora da sala comum. Na casa da família participante as entrevistas duraram aproximadamente 60 minutos para cada participante (a criança e a mãe), já na escola com a professora da sala comum teve a duração aproximada de 30 minutos. Todas as informações necessárias foram coletadas no mesmo dia divididos entre manhã e tarde.

2.3. Aspectos éticos

Essa pesquisa foi construída a partir de um estudo de caso e foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos mediante ao CEP-CAEE-68678017.2.0000.5504. Para participar da pesquisa tanto a mãe quanto a professora assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (Anexo 1), sendo que a mãe também assinou o TCLE para participação da criança (Anexo 2) e a criança

³ *Critérios de inclusão:* Para participar da pesquisa o aluno teria que ter diagnóstico a respeito de sua condição; frequentar a escola regular; e tantos os pais quanto os professores terem disponibilidade de oferecer informações a respeito do participante.

não conseguiu escrever o nome no termo de assentimento (Anexo 3) sendo então assinado pela mãe.

2.4. Instrumento

A fim de coletar dados a respeito da exposição da criança a violência, foram realizadas entrevistas tanto com a mãe quanto com a criança, as quais foram gravadas em áudio com autorização dos participantes. A mãe respondeu ao Roteiro de Entrevista adaptada de Williams (2010) na qual constam dados de identificação, renda socioeconômica, escolaridade e problemas apresentados com a educação dos filhos. Embora prevista a aplicação da Escala de Táticas de Conflitos (CTS-2) resumida e adaptada pelo IBGE (1999), que mede a extensão das agressões físicas e psicológicas sofridas pela mãe, não foi possível a aplicação da mesma, devido a recusa da participante.

Já a criança respondeu ao roteiro de entrevista inicial com a criança (Adaptado de Williams, 2010), o qual obtém dados de identificação da criança, bem como informações sobre o relacionamento com os pais, possibilidade de vitimização direta e indireta e informações sobre o estado emocional da mesma.

A fim de avaliar o comportamento da criança, tanto a mãe quanto a professora responderam ao Questionário de Comportamentos da Criança. A versão do professor (versão português de Fonseca e col., 1995), era composta de perguntas abertas e fechadas, as quais buscavam descrever e avaliar as competências sociais, o desempenho acadêmico e os problemas de comportamento da criança/adolescente a partir da visão dos professores. É constituído por duas partes, sendo a 1ª parte composta por itens sobre o rendimento escolar e o funcionamento geral do aluno na sala de aula, comentários sobre o potencial de desenvolvimento do aluno e o seu nível geral de adaptação à escola; e a 2ª parte consiste em 120 itens relativos a diversos problemas de comportamento e/ou perturbações emocionais em crianças de 6 a 11 anos. Os professores devem indicar se a característica de comportamento descrita em cada item da Escala se aplica ou não à criança

em causa (considerando os últimos 2 meses), devendo responder 0, 1, ou 2 (2 pontos – Muitas vezes verdadeira; 1 ponto – Às vezes verdadeira; 0 pontos – Não verdadeira).

A versão da mãe (versão brasileira de Fonseca e col., 1995), o qual buscava descrever e avaliar as competências sociais, o desempenho acadêmico e os problemas de comportamento da criança/adolescente, só que na visão dos pais ou cuidadores. A primeira parte do instrumento possui questões relativas a participação da criança em atividades extraescolares e situações de interação social. Já a segunda parte possui 120 itens relativos a diversos problemas de comportamento e/ou perturbações emocionais em crianças de 6-11 anos. A mãe deveria indicar se a característica de comportamento descrita em cada item da Escala se aplica ou não à criança em causa (considerando como referência temporal os últimos 6 meses), devendo responder 0, 1, ou 2 (2 pontos) – Muitas vezes verdadeira; 1 ponto – Às vezes verdadeira; 0 pontos – Não verdadeira).

Os instrumentos citados foram adaptados da seguinte forma, inicialmente foram impressos para facilitar a leitura e aplicação, em seguida foi realizada a entrevista-semiestruturada com os participantes (mãe-filho), a pesquisadora iniciou questionando a mãe sobre as questões de violência doméstica.

Em seguida a criança respondeu a segunda parte da entrevista, onde os termos relacionados a violência intrafamiliar foram abordados com cautela. A professora da sala ao responder o questionário voltado ao aluno PAEE, introduziu respostas sobre alguns pontos do comportamento do aluno que foram gravadas e transcritas nos resultados da pesquisa.

Os instrumentos foram aplicados com a mãe e aluno e professora foram aplicados de forma interina, com relação a mãe e aluno as questões e instruções foram lidas pela pesquisadora, já a professora da sala comum respondeu ao questionário perante a pesquisadora. As respostas foram assinaladas fidedignamente de acordo com cada participante.

2.5. Procedimento

Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética, a pesquisadora entrou em contato com a direção de duas escolas, uma

municipal e uma estadual, de ensino fundamental do ciclo I para apresentar a pesquisa e solicitar autorização. Depois de aprovado pela direção, foram solicitados encaminhamentos de possíveis participantes para a pesquisa. Foram encaminhadas cinco famílias que se encaixavam nos critérios de inclusão apresentados anteriormente, contudo apenas uma família concordou com a participação na pesquisa e foi agendada uma visita para aplicação dos instrumentos e assinatura do TCLE pela mãe, criança e professora.

As entrevistas com a mãe e com a criança foram realizadas na casa dos participantes, com a mãe e em seguida com a criança. Primeiro foi realizada as entrevistas, em seguida a aplicação dos instrumentos com duração aproximada de 1h30 minutos no total. Logo a pesquisadora dirigiu-se até a escola onde foi aplicado o instrumento com a professora da sala regular.

Antes de iniciar os procedimentos para coleta de dados a pesquisadora informou os participantes que se sentissem desconfortáveis em qualquer momento da pesquisa poderiam informar a pesquisadora para que fossem solucionados ou poderiam desistir da pesquisa a qualquer momento.

Cumprir destacar que, no decorrer da visita, caso fosse identificada necessidade de intervenção ou acesso a algum serviço para a família, seriam realizados encaminhamentos para serviços públicos disponíveis no município e/ou orientações necessárias para lidar com a demanda verificada.

2.6. Análise de dados

Os dados obtidos com a entrevista foram transcritos e analisados a partir da análise de conteúdo obtido através da entrevista- semiestruturada e dos instrumentos citados no instrumento no item **2.5** da presente pesquisa. Para essa análise, após uma primeira leitura do material, foram elaboradas categorias que descreviam o conteúdo manifestado pelos participantes, buscando sintetizar as respostas. Os dados obtidos com os instrumentos foram analisados e interpretados de acordo com as instruções dos mesmos.

Os resultados obtidos foram tratados de maneira qualitativa que é compreendida por detalhar o objeto de estudo e seu contexto histórico. Deste modo estudos de caso tem como características a investigação qualitativa dos

dados. Assim o estudo de caso reage dentro da lógica que guia as sucessivas etapas de recolha, análise e interpretação da informação dos métodos qualitativos, com a particularidade de que o propósito da investigação é o estudo intensivo de um ou poucos casos. (YIN,2005).

RESULTADOS

A seguir serão apresentados os dados obtidos a partir das entrevistas realizadas com os participantes. A fim de preservar a identidade dos mesmos, foram dados nomes fictícios.

1. Jonas

A criança identificada como Jonas tem 8 anos e foi diagnosticado com Deficiência Intelectual e Autismo há cerca de três anos. No momento da coleta, ele frequentava o terceiro ano do ensino fundamental, tinha uma boa relação com a família, mas às vezes se mostrava introvertido com as pessoas do seu ciclo familiar. Com relação ao comportamento, sua mãe relatou que o mesmo falava gritando descontroladamente assuntos simples do dia a dia, tinha ataques de ansiedade em prazos curtos de tempo. Jonas não fazia o uso de medicação, não tinha relato que foi ao médico especialista e recebeu o laudo de Deficiência Intelectual por uma psicopedagoga da escola onde frequentava.

Quanto à escolarização, ele se encaixava na categoria de público alvo da educação especial e fazia atendimento duas vezes por semana na própria escola no período contrário das aulas. Nesses dias ele almoçava na escola e ficava para as aulas do contra turno, devido a distância de sua residência até a escola. Como ele residia em um bairro popular novo, o qual não tinha escola, os estudantes migravam para o bairro vizinho e contavam com transporte escolar.

Jonas relata que se dava bem com a mãe e com o padrasto o qual chama de pai, era mais apegado com a mãe, mas tinha um grande apreço pelo pai. Com relação as irmãs, ele declara que havia certos desentendimentos na seguinte fala, *“Eu só gosto da Jeniffer e da Jessica. Porque a Jaqueline me bate”*. Em um outro momento declara que tem mais algumas irmãs por parte do pai biológico, mas não tem uma relação amigável com uma em específico, *“Tem a Julia, mas eu não gosto mais dela!”*.

Quando questionado se tinha amigos, declara que tinha “coleguinhas” na escola, mas que seu melhor amigo era o Jeferson que morava na mesma rua que ele. Em momentos de lazer com Jeferson, Jonas declarou que faziam várias coisas dentre elas jogar futebol, Jeferson não frequenta a mesma escola que ele.

Em relação ao futuro e sobre o que gostaria de realizar, apontou que queria ter a mesma profissão que o pai, ser pedreiro. Sobre eventos tristes e felizes que já presenciou declara que,

Jonas 2: Eu nunca fiquei triste!

Pesquisadora: Nem um dia que aconteceu algo muito ruim com você?

Jonas: AAA... lembro que fiquei triste uma vez por que roubaram minha bicicleta.

Pesquisadora: Então fala sobre o dia em que ficou bem feliz?

Jonas: Fui muito legal.

Pesquisadora: Mais, legal porque, conta o que aconteceu nesse dia?

Jonas: Apareceu minha bicicleta.

Aparentemente a bicicleta tinha um papel representativo muito grande na vida de Jonas, funcionando como uma válvula de escape para aliviar algumas tensões do dia a dia e que a perder foi um evento ruim que o marcou, assim como encontrá-la.

Sobre a forma com que os pais o tratavam, declara que falavam sobre as regras, já o castigou e fez pedir desculpas apenas uma vez e que nunca retiraram dele alguma coisa que ele gostava muito por causa do mal comportamento. Relata que já ganhou dinheiro do pai e que o pai era muito

carinhoso, quando questionado se o pai já negou afeto a ele coloca que “*Meu pai nunca fez isso, ou já fez?*” com relação a correção dos pais quando ofende um desconhecido, Jonas afirma que isso ocorreu apenas uma vez e que pediu desculpas.

A respeito da escolarização, Jonas declara que gostava de ir à escola para rever os amigos, e realizar brincadeiras, sobre as atividades e o que realizava na escola declarou que fazia “*Bagunça...(risos)*”. Mas que lá era um lugar que o acalmava. Foi observado que na escola não tinha playground, apenas um amplo espaço no pátio e uma quadra descoberta e que as brincadeiras realizadas lá era corrida e pega-pega.

Quando questionado sobre as atividades e como ele se considerava como aluno respondeu,

Pesquisadora: Você se considera um bom aluno? Porque?

Jonas: Não! (risos), eu sou muito chato.

Pesquisadora: Mas... chato em qual sentido?

Jonas: Eu me acho chato!

Ao questiona-lo sobre as dificuldades que já enfrentou na escola ou em casa, Jonas afirma que, “*Na escola sim, meus amigos me batem mais as vezes eles brincam comigo*”

2. Joice

A mãe da criança, Joice, tinha 29 anos, ensino médio incompleto, recasada e do lar. Em sua casa moravam seu atual companheiro, Jonas e outras três filhas (Jaqueline 9 anos, Jéssica 6 anos e Jenifer 4 anos). Jaqueline e Jonas são de seu primeiro casamento e as outras duas frutos do atual relacionamento. O companheiro, Jorge (45 anos), exerce a profissão de pedreiro.

Com relação à renda familiar, a mesma era de aproximadamente entre dois e três salários mínimos, sendo parte do salário do companheiro e parte de dois benefícios que o governo disponibiliza para família (bolsa família e um benefício de Jonas o qual a mãe não soube determinar qual era). A casa onde

a família residia estava localizada em um conjunto habitacional da cidade, destinadas a pessoas de vulnerabilidade socioeconômica, e contava com rua asfaltada e saneamento básico.

No desenvolvimento da entrevista, quando foi perguntado sobre a relação com o companheiro atual e se alguma vez se sentiu acuada, ameaçada ou constrangida de alguma forma por ele desde o começo do relacionamento, a resposta foi a seguinte, “*Não é de boa!*”. Em meio ao contexto social em que está inserida, esta fala relata que há uma normalidade nos acontecimentos de sua rotina familiar.

Quando questionada se já foi agredida, recusou-se a responder alegando várias vezes que não e que não estava à vontade para responder perguntas assim, assim foi necessário readequar as perguntas para não constranger a participante. Em observação, houve certo “medo” ou um receio em responder o que se foi perguntado não se sabe se o questionamento pode ter trazido algo vivenciado no passado que inibiu a entrevistada a responder as questões.

Na intenção de verificar o quanto Joice compreende das necessidades Jonas, foi questionada sobre a zona de interesse quando nas horas de lazer, comentou então que tinha interesse por: soltar pipa, andar de bicicleta e correr bastante. De fato são atividades recreativas aparentemente normatizadas para a faixa etária de Jonas. Quanto ao desempenho dele nessas atividades comparadas a outras crianças da mesma faixa etária e a interação social a mãe declara que, “*Ooo Jonas é mais sozinho a não ser quando ele está com o melhor amigo dele o Jeferson mais tem vez que eles discutem e ele prefere ficar sozinho no cantinho dele.*”

Quando questionada sobre o desempenho nas atividades de lazer comparadas a outras crianças Joice destacou que observava o filho brincando com Jeferson o seu melhor amigo, não fez distinção entre o comportamento entre Jonas e Jeferson. Em certo momento relata que a relação do filho com o melhor amigo era harmoniosa porque ele era a criança mais próxima pelo fato de serem vizinhos quando não tem ninguém pra brincar, Jonas fica sozinho. No decorrer da entrevista a pesquisadora questionou a mãe sobre situações

atípicas observadas em Jonas, ela por sua vez destaca que o filho já falou algumas vezes sobre suicídio.

Sobre a reação com as irmãs, Joice diz que *“irmãos sempre briga né!”* Ela encara como algo normal que acontece no círculo familiar, relatou que Jonas era *“[...] muito carinhoso, atencioso, sabe, ele não é um criança ruim, muito carinhoso. Ele demonstra preocupação comigo, com o pai dele e com as irmãs dele.* Essas são as qualidades que Joice destaca do filho quando no ambiente familiar, já com relação a comportamentos inadequados revela que Jonas, se comportava com frequência como se tivesse menos idade comparado ao desenvolvimento das irmãs, falava sozinho era ansioso, nervoso, mentiroso, gostava de zombar das pessoas, se auto lesionava com mordidas pelo corpo, urinava na roupa, nos momentos de birra apresentava comportamentos como, *“começa a chorar e se taca no chão” [...] Muito agressivo e falando muito palavrão*”. Em uma dessas crises Joice afirma, *“já colocou fogo na casa! [...]”* e destratou pessoas na rua.

Joice relatou que quando esses comportamentos estavam abusivos demais ela o castigava deixando no quarto ou gritava com ele para ele cessar a birra e, muitas vezes, tentava corrigi-lo, afirma que *“[...] Tem vez que não tem como tem que dar uns tapinhas sim”*. E sempre que possível mostrava a ele que não é certo fazer determinadas coisas principalmente zombar da cara das pessoas, falar palavrão e destratar pessoas na rua. Ainda sobre as formas de fazer com que o comportamento inadequado diminuísse, foi questionada se pra isso já tirava algo da zona de interesse de Jonas como forma de castigo, relata, *“Meu Deus! Não eu sempre desisto. [...]”*

Com relação a escolarização de Jonas, ela destaca que o filho tem um desempenho péssimo e que em uma das reuniões na escola, *“Falaram que ele não faz nada, na verdade eu escuto reclamação desde o “prezinho” né, desde pequenininho. Daí ele foi pra pré-escola e lá que procuraram atendimento pra ele”*. Explicou que é algo complicado, porque desde a pré-escola ele foi diagnosticado com autismo e um distúrbio mental, isso fez com que fosse considerado público alvo da educação especial. Em relação ao laudo ficou sabendo do mesmo através de uma avaliação feita por uma psicopedagoga que atuava na escola. Afirma que Jonas nunca foi ao médico

e que aguarda uma avaliação da (APAE) que foi marcada há muito tempo e não deram retorno.

As impressões de Joice são claras quanto ao futuro educacional de Jonas e aponta uma situação que aparentemente poderia ser um agravante para a condição dele. Assim Joice afirma que,

Ele não faz nada, tipo assim ele só rabisca. Entendeu? Agora que ele começou na aula especial, ele está começando. [...] ele não está conseguindo aprender nada, na verdade, daí vamos colocar assim, mesmo estando na escola ele vai ficar analfabeto, não vai conseguir aprender nada e também por causa disso, do comportamento dele comparada as outras crianças ele recebe muito bullying, sabe daí eu tenho medo dele crescer um criança revoltada, entendeu daí nisso ele tá ficando tipo assim agressivo.

Quando questionada sobre o comportamento de Jonas na escola, relata algumas situações como:

Pesquisadora: Você já ouviu ele falando algumas coisas como por exemplo “eu vou bater naquela pessoa”?

Joice: Pensando não, ele já fez isso né! Ele levou uma faca na escola.

Pesquisadora: Ele já trouxe alguma coisa pra casa que não era dele?

Joice: Já!

Em relação a frequência de demonstrações de afeto e elogios de Joice pelo filho varia de acordo com o comportamento dele, desse modo ela afirma, “Muitas poucas vezes, porque ele não está merecendo. Mas não nega afeto”, sobre tirar algo que é do interesse dele diante de uma birra, afirma que nunca fez esse procedimento e quanto a fazer Jonas pedir desculpas por fazer algo errado, comenta que aconteceu só uma vez.

3. Maria

A professora da sala foi identificada como Maria. Ela era licenciada em pedagogia, na entrevista não relatou quantos anos tinha de experiência na área e atuava no local desde a inauguração da escola (há aproximadamente três anos) e atende Jonas há oito meses.

Em relação as condições em que Jonas chegava na escola relata que ele já se queixou de fome e tinha algumas atitudes como levar materiais que não pertenciam a ele pra casa. Ao ser questionada sobre a ocorrência de *bullying* ou *hostilização ao aluno relata que,*

Ele é muito disso porque é assim as vezes ele arruma briga hoje por causa de uma borracha ou de um lápis daí ele já não gosta daquele que ele arrumou rolo. Daí amanhã ele vem e fala que já fez as pazes e vai e arruma briga com outro.

Sobre o fato de levar as coisas dos outros alunos para casa, afirma que Jonas tem mania de levar as coisas dos outros para casa e que nunca levou nada pra lá, nenhum objeto e muito menos brinquedos. Os materiais escolares de Jonas ficavam no armário por causa da falta de cuidado.

O rendimento escolar de Jonas era baixo em todas as disciplinas comparado ao rendimento dos outros alunos a sala. Nas avaliações os resultados eram de pouco rendimento. Os relatos da professora da sala foram de um dia típico, não comentou sobre o rendimento na aula de educação especial que frequentava.

Assim quando a pesquisadora a questionou sobre o laudo de deficiência, Maria afirmou que Jonas tinha deficiência intelectual e por causa disso apresentava pouco rendimento na sala comum. Com relação a outros problemas apresentados pelo aluno, Maria destacou a falta de higiene, como roupas sujas e mal cheiro do aluno e a dificuldade na fala.

Em relação ao contato com a família, relata que Joice nunca foi em nenhuma reunião de Jonas e aponta que a mãe tem dois filhos na escola e que raramente comparece quando é solicitada por outros motivos.

DISCUSSÃO

Considerando o objetivo da pesquisa de verificar o tipo de exposição e o impacto da mesma nas relações familiares e no desempenho acadêmico de crianças PAEE do ensino fundamental, os dados apresentados sinalizam a dificuldade em se estabelecer essa relação com essa população. Por um lado devido à dificuldade de acesso a crianças escolarizadas PAEE com diagnóstico na rede de ensino público e, por outro lado, a relutância dos participantes em revelar possíveis situações de violência no núcleo familiar, o que, somado ao tempo disponível para recrutamento dos participantes, pode ter afetado a adesão dos mesmos a pesquisa. Além disso, a recusa de Joice em revelar dados sobre o seu relacionamento conjugal para o pesquisador sinaliza a necessidade de treinamento prévio do pesquisador para conduzir entrevista, especialmente quando a mesma abordar um assunto tão delicado quanto a violência entre parceiros íntimos.

Em relação a recusa de Joice em relatar sobre o relacionamento conjugal, pode indicar receio de revelar possíveis experiências abusivas vivenciadas. Apontar a evidência de agressão dentro de lares com parceiros controladores pode ser algo constrangedor e fazer com que a possível situação tenha um impacto negativo no desenvolvimento psicológico de quem é vulnerável a esses acontecimentos. Experiências abusivas podem ser eventos normativos dentro de lares onde as interações familiares são de baixa qualidade e também influenciam no aparecimento de sintomas depressivos. (TEODORO, CARDOSO, & FREITAS, 2010).

Apesar de não ser possível afirmar que Jonas estava ou esteve exposto à violência entre parceiros íntimos, a própria deficiência pode ser um resultado direto de atos de violência doméstica, seja devido ao resultado da violência cometida pelo parceiro à mulher durante o período gestacional, o qual pode acarretar danos a criança ou parto prematuro; ou em decorrência de maus-tratos e/ou negligência ao longo dos primeiros anos de vida da criança (Williams, 2003). Ademais, os relatos da mãe do possível envolvimento de Jonas com o *bullying* pode também ser um indicativo de exposição à violência, visto que violência doméstica ou familiar pode ser um fator de risco para a ocorrência de *bullying*, visto que quanto maior os relatos

de exposição a violência intrafamiliar, maior a probabilidade de se envolver em violência escolar, seja como autor ou como vítima (LOURENÇO; SENRA, 2012; Pinheiro; Williams, 2009; Pereira, 2008; Bauer, Herrenkohl; Lozano, 2006).

Outro aspecto que merece destaque refere-se à vulnerabilidade de Jonas à violência. A falta de acesso a cuidados adequados de saúde e menor acesso à escola e à aprendizagem formal, tornam as crianças com deficiência mais vulneráveis a violência, abusos, exploração e negligência, especialmente se estão institucionalizadas (UNICEF, 2013). Apesar das limitações de alguns estudos que objetivam verificar a prevalência de violência contra crianças e adolescentes com deficiência, estima-se que 26,7% das crianças e adolescentes com deficiência sofram algum tipo de violência, sendo 20,4% a prevalência de violência física e 13,7% a de abuso sexual (Jones et al, 2012). Estima-se que crianças e adolescentes com deficiência têm uma probabilidade 3 a 4 vezes maior de sofrer violência, negligência e abuso quando comparadas aos seus pares sem deficiência (estimativas indicam probabilidade 3,7 vezes maior para medidas combinadas de violência, 3,6 vezes maior para violência física e 2,9 vezes maior para violência sexual) (UNICEF, 2013), tendo uma chance 1,5 vezes maior de ser seriamente ferida pelo abuso ou negligência (SEDLAK ET AL., 2010).

Ademais, variáveis como gênero e tipo de deficiência contribuem para uma maior vulnerabilidade à violência. Nesse sentido, verifica-se que os meninos tem uma propensão maior do que as meninas em receber alimentação e cuidados (UNICEF, 2013), isto é, as meninas estariam mais vulneráveis, e, em relação ao tipo de deficiência, verificou-se que crianças com deficiência intelectual são mais vulneráveis a serem vítimas de abuso sexual do que seus pares - probabilidade 4,6 vezes mais alta (UNICEF, 2013; JONES ET AL, 2012), o que dá certo suporte empírico a teoria de que indivíduos com deficiência intelectual são vistos como mais desamparados e, conseqüentemente, vítimas ideais para alguns abusadores (PETERSILIA, 2001). Conseqüentemente, Jonas estaria mais vulnerável a ser negligenciado ou experimentar comportamentos abusivos por parte dos seus pais, irmãos ou pares na escola.

O entendimento de Joice em relação à deficiência do filho revela a falta de conhecimento sobre tal situação. O diagnóstico de Jonas aconteceu ainda na primeira infância, a literatura aponta que esse período é crucial no desenvolvimento de uma criança (PANIAGUA; PALACIOS 2007). Foi nessa fase em que os professores da pré-escola em que Jonas frequentava notou algo diferente em seu comportamento. No dia a dia Joice percebia que algo não estava indo dentro da normalidade esperada por ela, pois o comparava o seu comportamento com a irmã mais velha e percebeu que havia algo errado, mas não buscou ajuda/apoio, o que parece sinalizar certa negligência materna.

Quando Jonas iniciou o ensino fundamental as evidências de que ele necessitava de auxílio escolar ficaram cada vez mais aparentes, nesse processo foram surgindo algumas dúvidas de Joice sobre a escolarização do filho e o como lidar com as incertezas. Aparentemente a frequência em que Joice participava da escolarização do filho era baixa, não relatou se participou da avaliação da escola quanto a deficiência do filho, dizia que desde aquele período espera por um laudo completo da deficiência. Muitas vezes os transtornos de desenvolvimento são encarados como se fossem doenças ou algo passageiro e as esperanças voltadas ao tratamento e cura (FRANCO, 2016). Contudo, há que se destacar que, apesar da expectativa de, ao receber o diagnóstico, começam a surgir preocupações e apreensões relativas ao desenvolvimento do filho, expectativa/qualidade de vida e procedimentos necessários para o cuidado do mesmo (Falkenbach, Drexler ;Werler, 2008), tal situação não parece ter ocorrido com Joice, a qual relatava com aparente tranquilidade de que o filho não conseguiria aprender.

A escola em que o filho frequentava cobrava a participação da mãe tanto nas reuniões quanto na participação da vida acadêmica, uma vez que ele e sua irmã frequentavam a mesma escola. Hipotetiza-se que a falta de preocupação de Joice com a cobrança da escola seja decorrente da ausência de uma rede de apoio familiar saudável que pudesse minimizar o nível de estresse enfrentado por ela nesse processo de escolarizar e educar o filho. A maior parte do tempo passava em casa e cuidando dos outros filhos menores como se os mais velhos fossem responsáveis por si mesmos e tivessem a

obrigação de serem responsáveis, deixando aparente um quadro de negligência com as condições e necessidade de Jonas, dados confirmados pela professora, pelo fato de não comparecer às reuniões dos filhos.

As famílias de crianças com deficiência necessitam de uma rede de apoio social para manter o equilíbrio e a harmonia (Gualda, Borges; Rodrigues, 2013), podendo esta ser composta por parentes, amigos, serviços de educação, saúde e assistência, religioso, dentre outros (Maia; Williams, 2005). Esta rede pode auxiliar tanto para oferecer apoio emocional e instrumental/material quanto para fornecer informações adequadas à como lidar com os filhos, visto que algumas famílias não sabem como lidar com as limitações de seus filhos, não tem recursos ou suporte para promover os cuidados necessários e adequados à criança, além do que os pais podem desconhecer os riscos da criança sofrer abuso e podem estar despreparados para identificar e proteger a criança em situações de risco. Em uma pesquisa realizada com pais de crianças com deficiência para investigar quais são os recursos e as necessidades dos mesmos, verificou-se a necessidade de maior apoio prático, instrumental, informacional e social (Gualda, Borges; Cia, 2013), o que, se oferecidos a Joice, acredita-se que contribuiria para uma melhor interação e cuidados com os filhos.

Um fator de proteção importante refere-se à coesão e afetividade familiar (Maia;Williams, 2005). No caso de Jonas, o relato da mãe sobre ele, descrevendo-o como carinhoso e afetuoso, preocupado com a família, pode indicar características pessoais de Jonas que contribuem par um bom relacionamento familiar e que pode contribuir para diminuir a probabilidade de condutas abusivas em relação a ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa não evidenciou com clareza a ocorrência de violência intrafamiliar na família investigada devido a recusa da mãe em responder a entrevista solicitada a esse respeito. Contudo, evidências indiretas relacionadas a Jonas parecem indicar exposição à violência familiar. Além

disso, pode-se notar, a partir dos dados analisados, negligência materna em relação aos cuidados e envolvimento com o filho.

A cultura familiar teve um papel crucial quanto aos relatos de normalidade de alguns fatos ocorridos na casa da criança como, por exemplo, a briga entre irmãos e a ocorrência relatada pela mãe do dia em que o filho levou uma faca na escola possibilitam observar a situação de *bullying* tanto sendo vítima como agressor. Nas declarações da professora notou-se o despreparo da mesma em analisar essas ocorrências no ambiente de sala de aula.

Os resultados observados levam a evidenciar que a baixa qualidade do ambiente familiar pode ser agravante para a aprendizagem do aluno público alvo da educação especial.

A literatura é pobre quanto a estudos relacionados a violência intrafamiliar voltadas a crianças com deficiência. Geralmente os olhares são voltados para o desempenho escolar de crianças público alvo da educação especial e não a situações de violência tanto em casa quanto na escola que possibilitam a queda no rendimento escolar. A finalidade deste trabalho foi contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas visando soluções para minimizar o impacto da violência intrafamiliar sobre crianças público alvo da educação especial (PAEE).

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, M. A. & GUERRA, V.N.A. (1995) *Infância e violência fatal em família*. São Paulo: Iglu Editora.
- BAPTISTA, M.N., & TEODORO, M.L. (2012). *Psicologia de família*. Porto Alegre: Artmed.
- BENDER, E (2004) PTSD, Other disorders evident in kids who witness domestic violence. *Psychiatric News*, 39 (11), p. 14
- BRANCALHONE, P.G. & Williams, L.C.A. (2003). Crianças expostas à violência conjugal: Uma revisão de área. Em M.C. Marquezine, M.A. Almeida, S. Omote

e E.D.O. Tanaka (Orgs.). O papel da família junto ao portador de necessidades especiais. Coleção Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial, (6), (pp. 123-130). Londrina: Eduel.

BAUER, N. S.; Herrenkohl, T. IL.; Lozano, P.; Rivara, F. P.; Hill, K. G.; Hawkins, D. (2006). Childhood *bullying* involvement and exposure to intimate partner violence. *Pediatrics*, 118(2), 235-242.

BARSTED, L. de A.L. Uma vida sem violência é um direito nosso: propostas de ação contra a violência intrafamiliar no Brasil. Brasília: Comitê Interagencial de Gênero/ ONU/ Secretaria Nacional dos Direitos Humanos/Ministério da Justiça, Brasília,1998. Disponível em <www.lexml.gov.br> urn >urn:lex:br:red. Acesso em: 26, nov.2017.

CAPALDI, D.M.; KIM, H. & PEARS, K. (2009) The association between partner violence and child maltreatment: a common conceptual framework. Em:Whitaker, D.J. & Lutzker, J.R. *Preventing Partner Violence: Research and evidence-based intervention strategies*. Washington,DC: American Psychological Association (pp. 93-111).

CASANUEVA, C; MARTIN, S.L. & RUNYAN, D.K. (2009) Repeated reports for child maltreatment among intimate partner violence victims: Findings from the national survey of child and adolescent well-being. *Child abuse and neglect*, vol.33, 84-93

CECCONELO, A.M.; ANTONI, C. & KOLLER, S.H. (2003) Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em estudo*, Maringá, 8, 45-54.

CERATTI, Márcia Rodrigues Neves. Evasão escolar, causas e consequências. **Curitiba/PR**, 2008.

CHERLIN, A.(2010). Demographic trends in the United States: A review of research in the 2000s. *Journal of Marriage and Family*,72,420-439.

Corrêa LC, Williams LCA. O impacto da violência conjugal sobre a saúde mental das crianças. Resumos de comunicação científicas; 2000 Brasília. p. 235.

Cruz, O., & Abreu-Lima, I. (2012). Qualidade do ambiente familiar – preditores e consequências no desenvolvimento das crianças e jovens. *Revista AMAzônica*, VIII(1), 246-265.

DAWKINS, J. 1995. Bullying in school: Doctor's responsibilities. *British Medical Journal*, 310:274-275. ESLEA, M.; REES, J. 2001. At what age are children most likely to be bullied at school? *Aggression and Violent Behavior*, 27:419-429.

D'AFFONSECA, S.M. & WILLIAMS, L.C.A. (submetido) habilidades maternas de mulheres vítimas de violência doméstica: revisão da literatura.

D'AVILA-BACARJI, K. M. G., MATURANO, E. M., & ELIAS, L. C. S. (2005). Suporte parental: um estudo sobre crianças com queixas escolares. *Psicologia em Estudo*, 10(1), 107-115.

Ferriolli, S. H. T., Maturano, E. M., & Puntel, L. P. (2007). Contexto familiar e problemas de saúde mental infantil no Programa Saúde da Família. *Revista Saúde Pública*, 41(2), 234-253.

FINGER, B.; HANS, S.L.; BERNSTEIN, V.J. & COX, S.M. (2009) Parent relationship quality and infant-mother attachment. *Attachment and human development*, 11(3),285-306

FRANCO, Vitor. Tornar-se pai/mãe de uma criança com transtornos graves do desenvolvimento. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 59, p. 35-48, mar. 2016 . Disponível em <http://w.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602016000100035&lng=pt&nrm=iso acessos em 21 nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.44689>.

GRAHAM-BERMANN, S.A. (2002) The impact of woman abuse on children's social development: research and theoretical perspectives. In: Holden, G.; Geffner, R. & Jouriles, E.N. *Children exposed to marital violence: theory, research and applied issues*. Washington, DC: American Psychological Association, 21-54.

GRAHAM-BERMANN, S.A.; Gruber, G.; Howell, K.H. & Girz, L. (2009) Factors discriminating among profiles of resilience and psychopathology in children exposed to intimate partner violence (IPV). *Child Abuse and Neglect*, 33(9),648-60.

GOMIDE PIC. Estilos parentais e comportamento antisocial. In: Del Prette A, Del Prette ZAP, organizadores. Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção. Campinas: Alínea; 2003. p.21-60.

GUALDA, D. S., BORGES, L.; RODRIGUES, R. K. G. (2013) A participação da família de crianças pré-escolares público alvo da educação especial no processo de Escolarização dos filhos. In: Denari, F. E. (Org.). *Educação especial: reflexos sobre o dizer e o fazer*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013. p. 79-100

GUALDA, D.S.; BORGES, L. & CIA, F. (2013) Famílias de crianças com necessidades educacionais especiais: recursos e necessidades de apoio. *Revista de Educação Especial*, 26(46), 307-329.

HOLDEN, G. W. (2007, 11 de maio). Abused women as mothers: Evidence, issues and controversies. III Congresso sobre Crianças Expostas á Violência Doméstica, London, Canadá.

HOLDEN, G. W., & HAWK, C. (2003). Meta-parenting in the journey of child rearing: A mechanism for change. L. Kuczynski (Ed.), *Handbook of dynamics in parent-child relations*. Thousand Oaks, CA: Sage.

HOLDEN, G. W., GEFNER, R. & JOURILES, E.N. (1998). *Children exposed to marital violence: Theory, research and applied issues*. Washington: American Psychological Association.

HOLDEN, G.W. (1998) Introduction: The development of research into another consequence of family violence. Em: Holden, G.W.; Geffner, R. & Jouriles, E.N. *Children exposed to marital violence: theory, research and applied issues*. Washington D.C.: APA, pp. 1-18.

Holden, G.W., Stein, J.D., Ritchie, K.L., Harris, S.D., & Jouriles, E.N. (1998). The parenting behaviors and beliefs of battered women. In G.W. Holden, R.

Geffner, & E.N. Jouriles, (Eds.), *Children exposed to marital violence: Theory, research, and applied issues* (pp. 289-334). Washington, DC: American Psychological Association.

HOLT, S., BUCKLEY, T. & WHELAN, S. (2008). The impact of exposure to domestic violence on children and young people: a review of the literature. *Child Abuse & Neglect*, 32 (8), 797-810.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1999) *Resolução de conflitos domésticos e violência intrafamiliar nos vairros da Tijuca e do Maracanã*. (Relatórios de Pesquisas no.4) Rio de Janeiro: CDDI/IBGE

JONES, L.; BELLIS, M.A.; WOOD, S.; HUGHES, K.; MCCOY, E.; ECKLEY, L.; BATES, G., MIKTON, C.; SHAKESPEARE, T. & OFFICER, A. (2012) Prevalence and risk of violence against children with disabilities: a systematic review and meta-analysis of observational studies. *Lancet* 2012; doi:10.1016/S0410-6736(11)61851-5.

LEVENDOSKY, A.A., LYNCH, S.M & GRAHAM-BERMANN, S. (2000) MOTHER'S perceptions of the impact of woman abuse on their parenting. *Violence against women*, vol.6, nº 3, 247-271

LEVENDOSKY, A.L., LEAHY, K.L. G. ANNE BOGAT, DAVIDSON, W. S., & VON EYE, A. (2006) Domestic violence, maternal parenting, maternal mental health, and infant externalizing behavior. *Journal of Family Psychology*, 20, 544-552.

LEVENDOSKY, A.A. & GRAHAM-BERMANN, S.A. (1999). Behavioral observations of parenting in battered women. *Journal of Family Psychology*, 14, 1-15.

LOPES NETO, A.A.L. 2005. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81:164-172. Infant externalizing behavior. *Journal of Family Psychology*, 20, 544-552.

LOOS, H., & CASSEMIRO, L. F. K. (2010). Percepções sobre a qualidade da interação familiar e crenças autorreferenciadas em crianças. *Estudos de Psicologia* (Campinas) 27(3), 293-303.

LOURENCO, Lélío Moura e SENRA, Luciana Xavier. A violência familiar como fator de risco para o bullying escolar: contexto e possibilidades de intervenção. *Aletheia* [online]. 2012, n.37 [citado 2017-11-24], pp. 42-56 . Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942012000100004&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1413-0394.

MACHADO, A., & ALMEIDA, M. (2013). Identificação do desempenho acadêmico e comportamental de crianças com dificuldade de aprendizagem para participação em um programa de consultoria.

MAIA, J. M. D. E WILLIAMS, L.C. A. (2005). Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. *Temas psicol.* [online]. 2005, vol.13, n.2, pp. 91-103. ISSN 1413-389X.

MAIA, J. M. D., & WILLIAMS, L. C. A. (2005). Fatores de risco e proteção ao desenvolvimento infantil: Uma revisão de área. *Temas em Psicologia*, 13(2), 91-103

Meneghel SN, Giugliani EJ, Falceto O. Relações entre violência doméstica e agressividade na adolescência. *Cad Saúde Pública* 1998; 14(2): 327-335.

MURARO, H.M.S. (2008) *Protocolo da rede de proteção à criança e a adolescente em situação de risco para a violência*. Curitiba: Secretária Municipal de Saúde.

NUNES, C. C.; SILVA, N. C. B.; AIELLO, A. L. R. (2008) As contribuições do papel do pai e do irmão do indivíduo com necessidades especiais na visão sistêmica da família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 37-44

O'LEARY, K.D. & WOODIN, E.M. (2006) Bringing the agendas together: partner and child abuse. In: Lutzker, J.R. (org.) *Preventing violence: research and evidence-based intervention strategies*. Washington: American Psychological Association (pp.239-258)

OMS. Organização mundial da saúde. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/34165228/65818661-Relatorio-Mundial-sobre-violencia-e->

saude.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1490974388&Signature=9TzebJjyqyZAXu9RMM4NM6LrIA%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DRelatorio_mundial_sobre_violencia_e_saud.pdf . Acesso em: 30 Março 2017.

PANIAGUA, G.; PALACIOS, J. A educação infantil é infantil? In:_____. Educação infantil: resposta educativa à diversidade. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2007a. p.11-29.

PEREIRA, B. O. (2008). *Para uma escola sem violência-estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. 2ed. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian-FCG, Fundação para a Ciência e tecnologia-FCT.

PETERSILIA, J.R. (2001) Crime victims with developmental disabilities: a review essay. *Criminal Justice and Behavior*, 28 (6), 655-694

PICADO JR. Fatores de risco e de proteção: um estudo de acompanhamento em pré-escolares com comportamentos agressivos [dissertação]. São Carlos (SP): Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Educação Especial; 2006.

PINHEIRO, F. M. F.; WILLIAMS, L. C. A. (2009). Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. *Cadernos de Pesquisa*, 39(138), 995-1018.

SEDLAK, A.J.; METTENBURG, J, BA,SENA, M.; PETTA, I., MCPHERSON, K., GREENE, A., LI, S. (2010) *Fourth National Incidence Study of Child Abuse and Neglect (NIS-4)*: Report to Congress. Washington, DC.

Silva ATB. Problemas de comportamento e comportamentos socialmente adequados: sua relação com as habilidades sociais educativas de pais [dissertação]. São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos; 2000.

SINCLAIR, D. (1985) *Understanding Wife Assault*. Toronto: Publications Ontario

TEODORO, M. L. M., CARDOSO, B. M. & FREITAS, A. C. F. (2010). Afetividade e Conflito Familiar e sua Relação com a Depressão em Crianças e Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), p. 324-333.

TUCUNDUVA, C. & WEBER, L.N.D. (2008) Práticas educativas parentais: fatores de risco e de proteção ao desenvolvimento dos filhos. Em: Weber, L.N.D. (org.) *Família e desenvolvimento: visões interdisciplinares*. Curitiba: Juruá.

UNICEF (2013) Situação mundial da infância: Crianças com deficiência. Disponível em . https://www.unicef.pt/docs/PT_SOWC2013.pdf

WALSH, F. Processos normativos da família. Diversidade e complexidade.4.ed Porto Alegre:Artmed,2016.

WEBER,L.N.D.; Salvador, A.P.V. & Brandenburg,O.J. (2009) Questionário para investigação de disciplina coercitiva. Em: L. Weber & M.A.Dessen (Orgs.) *Pesquisando famílias: Instrumentos para coleta e análise de dados*.Curitiba: Juruá (pp.126-138).

WILLIAMS, L. C. A. & ARAUJO, E. A. C .(2009) Project Parceria (Partnership): Teaching Mothering Skills to Abuse Womem. In: 117th Annual Convention American Psychological Association - APA, Toronto - Canadá.

WILLIAMS, L. C. A. (2010) Ensino de Habilidades Maternas a Mulheres Vítimas de Violência Conjugal: O Projeto Parceria. In: I Jornada de Terapias Cognitivo-Comportamentais, 2010, Ribeirão Preto.

WILLIAMS, L. C. A., & AIELLO, A. L. (2004). Empoderamento de famílias: o que vem a ser e como medir. Em E. G. Mendes, M. A. Almeida & L. C. A. Williams (Orgs.), *Temas em educação especial* (pp. 197-202). São Carlos: EdUFSCar

WILLIAMS, L.C.A (2009). O ensino de habilidades parentais a mães com histórico de violência conjugal. Projeto de pesquisa submetido ao CNPq

WILLIAMS, L.C.A. (2003). Sobre deficiência e violência: Reflexões para uma análise de revisão de área. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 9(2), 141-154

WILLIAMS, L.C.A. (2010). Sobre deficiência e violência: reflexões para uma análise de revisão de área. **Rev. Bras. Ed. Esp**, v. 9, n. 2, p. 141-154.

WILLIAMS, L.C.A.(2010). Entrevista Inicial com Mulheres Vítimas de Violência Doméstica. In: L. C. A. Williams; J. M. Maia & K. A. Rios. *Aspectos psicológicos da violência: Pesquisa e intervenção*.

WILLIAMS, L.C.A., Padovani, R.C. & Brino, R.F. (2009) *O empoderamento da família para enfrentar a violência doméstica*. São Carlos: EDUFSCar/OPAS.

Yin, R. (2005). *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS CECH DEPARTAMENTO DE
PSICOLOGIA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

CARTA-CONVITE DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Caro(a) amigo(a), temos a honra de convidá-lo(a) a participar da pesquisa **Influência da exposição à violência intrafamiliar no desempenho acadêmico de crianças público alvo da educação especial** que tem como foco verificar o tipo de exposição e o impacto da mesma nas relações familiares e no desempenho acadêmico de crianças Público Alvo da Educação Especial nos anos escolares. Sua participação é muito importante e os resultados desta pesquisa permitirão uma melhor compreensão científica sobre o significado de certas experiências vivenciadas tanto no ambiente escolar quanto no ambiente familiar.

Suas respostas receberão tratamento científico e estarão sob sigilo, como é de praxe em atividades de pesquisa e sua identificação será preservada. Ao longo do mês de setembro de 2017 serão realizadas as coletas de dados, caso aceite participar da pesquisa, responderá alguns questionários e participará de uma entrevista que durará 1 hora e 30 minutos aproximadamente. Esse procedimento acontecerá no local onde for viável dentro de suas possibilidades.

Pesquisadoras:

Juliana Maschio Pereira, aluna de
graduação do curso de Licenciatura
em Educação Especial (UFSCar) e
Prof.^a Dr.^a Sabrina Mazo
D’Affonseca

Contato: (16) 992970883 ou (16) 33518745

E-mail: juliana.p@gmail.com

ANEXOS

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre **Influência da exposição à violência intrafamiliar no desempenho acadêmico de crianças público alvo da educação especial** e está sendo desenvolvida por Juliana Maschio Pereira, do Curso de Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, sob a orientação do(a) Prof(a) Sabrina Mazo D’Affonseca.

Os objetivos do estudo são: Averiguar o impacto da violência intrafamiliar no desempenho acadêmico de crianças público alvo da educação especial considerando as condições da criança com deficiência exposta a esse contexto de violência.

A finalidade deste trabalho é contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas visando soluções para minimizar o impacto da violência intrafamiliar sobre crianças público alvo da educação especial (PAEE).

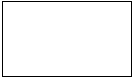
Solicitamos a sua colaboração para responder uma entrevista e a um Inventário do comportamento da criança para Pais (I.C.C.P.) com tempo aproximado de 1 hora, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa. Ao se sentir desconfortável com algum item a ser respondido o participante terá o total direito de desistir ou não responder, não sendo obrigado a continuar a pesquisa.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

____ Assinatura do(a) pesquisador(a)
responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

São Carlos ____ de _____ de _____


Impressão dactiloscópica

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) Juliana Maschio Pereira Telefone:(16) 992970883 ou para o Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos.

MODELO DE TERMO DE ASSENTIMENTO PARA PARTICIPANTE MENOR DE IDADE (6 anos acima)

BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS, Nº466/2012, MS

OBS: AO ELABORAR O TERMO DE ASSENTIMENTO UTILIZAR LINGUAGEM CLARA E ACESSÍVEL AO ENTENDIMENTO DO PARTICIPANTE MENOR DE IDADE.

Prezado(a) Participante,

Esta pesquisa é sobre **Influência da exposição à violência intrafamiliar no desempenho acadêmico de crianças público alvo da educação especial** e está sendo desenvolvida por Juliana Maschio Pereira do Curso de Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, sob a orientação do(a) Prof(a) Sabrina Mazo D’Affonseca.

Os objetivos do estudo são: Averiguar o impacto da violência intrafamiliar no desempenho acadêmico de crianças público alvo da educação especial considerando as condições da criança com deficiência exposta a esse contexto de violência.

A finalidade deste trabalho é contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas visando soluções para minimizar o impacto da violência intrafamiliar sobre crianças público alvo da educação especial (PAEE).

Solicitamos a sua colaboração para participar de um roteiro de entrevista e um Teste de Desempenho Escolar- TED, com duração aproximada de 1 hora, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa.

Ao se sentir desconfortável com algum item a ser respondido o participante terá o total direito de desistir ou não responder, não sendo obrigado a continuar a pesquisa.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Eu aceito participar da pesquisa, que tem o objetivo..... Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir sem que nada me aconteça.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus pais e/ou responsáveis. Li e concordo em participar como voluntário da pesquisa descrita acima. Estou ciente que meu pai e/ou responsável receberá uma via deste documento.

São Carlos, ____ de _____ de _____

Impressão dactiloscópica



Assinatura do participante (menor de idade)

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) Juliana Maschio Pereira Telefone: (16) 992970883 ou para o Comitê da Universidade Federal de São Carlos.



LAPREV

Laboratório de Análise e Prevenção da Violência

Universidade Federal de São Carlos

Departamento de Psicologia

Caixa Postal 676 - 13.565-90 - São Carlos - SP

Fone: (16) 3351-8745 - Fax: (16) 3351-8357

www.ufscar.br/laprev



ENTREVISTA INICIAL COM MÃES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Prof^ª. Dr^ª. Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams.

1 - Entrevistador: _____

2 – Identificação

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro _____ Cidade: _____ Telefone: _____

Nascimento: ___/___/___ Estado Civil: _____ Escolaridade _____

Trabalha fora: sim não Se sim, onde: _____

Filhos: Nomes e idades: _____

Quem mora na casa: _____

Escola dos filhos: _____

Nome do parceiro: _____

Quantos filhos são desta união: _____

Endereço do parceiro (se for diferente): _____

Cidade: _____ Trabalha: sim não

Se sim, onde: _____

Quem contribui para a renda familiar: _____

3 – Descrição do último incidente que a levou a procurar a D.D.M

4 – Descrição da violência

Primeiro episódio violento: Data: ___/___/___ Breve descrição: _____

De que modo ele a agride? Física Psicológica Sexual

Violência física, tipo: Chute Soco Empurrão Tapa

Puxão de cabelo Estrangulamento Arranhões Apertos

Mordidas Cintada Outros.

Quais? _____

Usa armas Quais? _____

Tem arma? sim não Onde guarda? _____

Psicológica: Faz ameaças? sim não Quais? _____

Já cumpriu alguma ameaça? sim não Qual? _____

Ele a Humilha? sim não Como? _____

Sexual: Faz sexo forçado? _____

Com que freqüência ele a agride?

Diária Semanal Mensal Anual Outros. Qual? _____

O que desencadeia a violência? _____

A violência tem piorado com o passar do tempo? sim não

Ferimentos que teve em decorrência da violência: _____

Foi hospitalizada em decorrência? sim não

Ele agride as crianças? sim não Se sim, como? _____

Culpa a vítima após a agressão? sim não Se sim, como? _____

5 – Grau de isolamento:

Tem contato regular com a família? sim não

Amigos? sim não Vizinhos? sim não

Igreja? sim não

Eles sabem da violência? sim não Se sim, qual a reação? _____

Com quem conta nas horas de necessidade? _____

Se trabalha fora, no emprego sabem da violência? sim não

Falta ao emprego por causa da violência? sim não Gosta do emprego? sim não

6 – Como ela explica a violência

Quais as razões que você dá para a violência? _____

Quais as razões que ele dá para a violência? _____

Você concorda com elas? _____

O que ela acha que vai parar a violência? _____

Em que se baseia para afirmar isso? _____

Acredita que merece a violência: sim não Se sim, por quê? ____

Acredita poder controlar a agressão do marido? sim não

O que já tentou fazer nesse sentido? _____

Funcionou? sim não Por quê? _____

Que escolha ou saída ela pensa ter? _____

7 – Como ela reage à violência:

Sente medo dele? sim não

Percebe algum sinal de que ele irá agredi-la? sim não

Se sim, o quê? _____

O que faz quando percebe que será agredida? _____

Como enfrenta a situação? _____

O que faz imediatamente após ela? _____

A quem já pediu ajuda? _____

A ajuda foi útil? sim não

Se sim, como? _____

Conhece alguma forma de se proteger? _____

8 – Razões que a levam a permanecer com o agressor

O que sente por ele? _____

Sente pena? sim não

Teme represálias se sair? sim não

Se sim, o que? _____

Tem maneiras de se manter financeiramente? sim não

Deixaria o marido se tivesse meios de sustentar-se e às crianças? sim não

9 – Auto imagem:

Quais as qualidades que vê em si própria? _____

Quais os defeitos que vê em si própria? _____

O que gostaria de mudar em si? _____

O que seu companheiro diz sobre ela? _____

Acredita nisso? sim não

10 – Futuro do relacionamento

Há quanto tempo o casal esta junto? _____

Como é o relacionamento do casal no geral? _____

Quais são os aspectos positivos? _____

E os negativos? _____

Quais as qualidades do marido? _____

11 - Relacionamento com as crianças

Como é seu relacionamento com as crianças? _____

Como é o relacionamento do seu parceiro com as crianças? _____

Que tipo de pai você acredita que ele é? _____

Que tipo de mãe você acredita ser? _____

Quais são as principais dificuldades que você encontra na educação de seu filho?

Quais são os pontos positivos que você encontra no relacionamento com seu filho?

As crianças sentem-se mais próximos à mãe ou ao pai? _____

Como estão indo na escola? _____

Algum filho tem problemas? sim não Se sim, Quais? _____

Alguma das crianças tem problemas médicos? Se sim, quem e quais? _____

Toma medicamentos? sim não Se sim, quais? _____

12 – Condições de saúde do agressor:

Consome álcool? sim não Se sim, com que frequência? _____

Consome drogas? sim não Se sim, quais? _____

Ele respeita a lei?/ Já teve problemas com a lei? _____

Tem problemas médicos? sim não Se sim, quais? _____

Toma medicamentos? sim não Se sim, quais? _____

13 – Condições de saúde da participante

Consome álcool? sim não Se sim, com que frequência? _____

Consome drogas? sim não Se sim, quais? _____

Tem problemas médicos? sim não Se sim, quais? _____

Ultimamente tem sentido mudanças em hábitos relacionados ao sono, apetite etc?

sim não Se sim, quais? _____

Toma medicamentos? sim não Se sim, quais? _____

Já pensou em suicidar-se? sim não Se sim, o que a impede?

Já tentou suicídio? sim não Como e quando?

14 – Reações das crianças à violência

Qual a exposição da criança à violência? (Presencia? Ouve? Conversa? Sofre?)

O que dizem sobre a violência? _____

Como reagem? _____

Já presenciaram a violência? sim não

Já tentaram interferir? sim não

15 – Infância e família da participante

Como foi sua infância? _____

Como era o ambiente familiar? _____

Como se relacionava com:

Mãe: _____

Pai: _____

Irmãs: _____

Irmãos: _____

A família era afetuosa? sim não

Como demonstrava afeto? _____

Que tipo de disciplina era usada? _____

Havia algum tipo de violência na família? sim não Se sim, qual? _____

Quem era a vítima? _____

Quem era o agressor? _____

Ela sofreu algum tipo de abuso? sim não se sim, qual? _____

Por parte de quem? _____

Quando foi e como isso a afetou? _____

Quando saiu de casa e por quê? _____

Quais eram seus planos quanto ao futuro em relação a dinheiro, profissão, escolaridade e família? _____

16 – Resposta à entrevista:

Como se sente após ter contado sua história? _____



LAPREV

Laboratório de Análise e Prevenção da Violência

Universidade Federal de São Carlos

Departamento de Psicologia

Caixa Postal 676 - 13.565-90 - São Carlos - SP

Fone: (16) 3351-8745 - Fax: (16) 3351-8357

www.ufscar.br/laprev



Entrevista inicial com crianças expostas À violência conjugal

Profª. Drª. Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams.

1. Identificação:

Nome: _____

Data nascimento: _____ Idade: _____ Sexo: _____

2. Relacionamento com os pais:

Como você se dá com sua mãe? _____

E com seu pai? _____

A quem você é mais apegado: sua mãe ou seu pai? _____

3. Possibilidade de vitimização:

O que seu pai faz quando fica nervoso? _____

() grita () corre para longe () bate a porta () atira coisas* ()
pontapés* () dá empurrões* () murros*

* Em quem? _____

O que sua mãe faz quando fica nervosa? _____

O que seus irmãos fazem quando ficam nervosos? _____

4. Descrição e compreensão da violência:

Você já viu seu pai agredir sua mãe? Se sim, quando e como foi? (detalhes) _____

E sua mãe agredir seu pai? _____

O que você faz quando vê cenas de violência entre seus pais? _____

Você acha seus pais violentos? Por quê? _____

Você já tentou impedir brigas entre seus pais? Como? _____

Você acha que pode acabar com a agressividade de seus pais? Como? _____

Quem você acha que começa as brigas: seu pai ou sua mãe? _____

Em relação a esse problema, o que você acha que sua mãe deveria fazer? _____

E seu pai? _____

E você? _____

Porque você acha que sua mãe/seu pai apanha? _____

5. Compreensão de técnicas de segurança e proteção:

Onde, quando e com quem você se sente seguro? _____

Onde, quando e com quem você se sente inseguro? _____

Que lugares seguros você conhece (onde você não sente medo)? _____

O que sua mãe/pai pode fazer para se proteger? _____

E você? _____

6. Estado emocional da criança:

Com quem você conversa quando está chateado? _____

Com quem você falaria se tivesse um problema? _____

Você tem amigos? Quantos? _____

Quem é seu melhor amigo? _____

Onde você se encontra com seu melhor amigo? _____

Que tipos de coisas vocês gostam de fazer juntos? _____

O que você acha da escola? _____

Você gosta da sua escola? Por quê? _____

Você se considera um bom aluno? _____

Você acha que tem algum problema na escola? Qual? _____

Que tipos de coisas você gosta de fazer? _____

Que coisas fazem você se sentir bem? _____

O que você faz quando não está na escola? _____

Como você se sente em relação aos problemas de sua família? _____

() triste () com raiva () culpado () confuso

() outro. Qual? _____

O que mais te preocupa sobre sua situação? _____

Você dorme bem? Por quê? _____

Você se alimenta bem? Por quê? _____

Você gostaria de mudar alguma coisa em você? Por quê? _____

O que você espera do futuro? _____

O que você gostaria de ser quando crescer? _____

Qual foi o dia mais triste de sua vida? O que aconteceu? _____

Qual foi o dia mais feliz e o que aconteceu? _____

Você se considera triste ou alegre? _____

Se tivesse uma varinha mágica e pudesse fazer três desejos, o que pediria? _____

7. Resposta à entrevista:

Você acha que tem alguma dificuldade ou problema? Qual? _____

Quer contar mais alguma coisa? O que? _____

Quer fazer alguma pergunta? Qual? _____

Anexo B

Questionário de Comportamento da Criança**CBCL 6-18 (© T. M. Achenbach, 1994)**

Copyright T. M. Achenbach. Reproduced under License #195-07-20-06

Tradução autorizada:

Fonseca et al.

Nome do(a) aluno(a): _____

Data de Nascimento: __/__/____ Idade: ____ anos

Sexo: Masculino Feminino Ano de Escolaridade: _____Escala preenchida por: Mãe Pai Outro _____

Profissão do Pai (mesmo que atualmente não trabalhe): _____

Profissão da Mãe (mesmo que atualmente não trabalhe): _____

Data de Avaliação: __/__/____

Segue-se uma lista de frases que descrevem características de crianças e jovens. Leia cada uma delas e indique até que ponto elas descrevem a maneira como o seu filho(a) é ou tem sido durante os últimos 6 meses:

- Marque uma cruz (X) no 2 se a afirmação é MUITO VERDADEIRA ou é MUITAS VEZES VERDADEIRA em relação ao seu filho;

- Marque uma cruz (X) no 1 se a afirmação é DE ALGUMA FORMA OU ALGUMAS VEZES VERDADEIRA;

- Se a descrição NÃO É VERDADEIRA, marque uma cruz (X) no 0.

Por favor, responda a todas as descrições o melhor que possa, mesmo que algumas pareçam não se aplicar ao seu filho(a).

0 = Não verdadeira

1 = De alguma forma ou algumas vezes verdadeira

2 = Muito verdadeira ou frequentemente verdadeira

0	1	2	1	Age de uma maneira demasiado infantil para a sua idade
0	1	2	2	Consome bebidas alcoólicas sem o consentimento dos pais (descreva): _____
0	1	2	3	Discute muito
0	1	2	4	Não consegue acabar as coisas que começa
0	1	2	5	Não há muitas coisas de que goste
0	1	2	6	Faz as suas necessidades fora da casa de banho
0	1	2	7	É fanfarrão ou gabarola
0	1	2	8	Não consegue concentrar-se, não consegue estar atento(a) durante muito tempo
0	1	2	9	Não consegue afastar certas ideias do pensamento; obsessões ou cismas (descreva): _____
0	1	2	10	Não é capaz de ficar sentado(a) sossegado(a), é muito ativo(a) ou irrequieto(a)
0	1	2	11	Agarra-se aos adultos ou é muito dependente
0	1	2	12	Queixa-se de solidão
0	1	2	13	Fica confuso(a) ou desorientado(a) (parece não saber onde está)
0	1	2	14	Chora muito
0	1	2	15	É cruel com os animais
0	1	2	16	Manifesta crueldade, ameaça ou é mau para os outros
0	1	2	17	Sonha acordado(a) ou perde-se nos seus pensamentos
0	1	2	18	Magoa-se de propósito ou já fez tentativas de suicídio
0	1	2	19	Exige muita atenção
0	1	2	20	Destrói as suas próprias coisas
0	1	2	21	Destrói coisas da sua família ou de outras crianças
0	1	2	22	É desobediente em casa
0	1	2	23	É desobediente na escola
0	1	2	24	Não come bem
0	1	2	25	Não se dá bem com outras crianças
0	1	2	26	Não aprecia sentir-se culpado(a) depois de se ter comportado mal
0	1	2	27	Tem ciúmes com facilidade, é invejoso(a)
0	1	2	28	Quebra as regras em casa, na escola ou noutros locais
0	1	2	29	Tem medo de determinados animais, situações ou lugares, sem incluir a escola (descreva): _____
0	1	2	30	Tem medo de ir para a escola
0	1	2	31	Tem medo de pensar ou fazer qualquer coisa de mal
0	1	2	32	Sente que tem de ser perfeito(a)
0	1	2	33	Sente ou queixa-se de que ninguém gosta dele(a)
0	1	2	34	Sente que os outros andam atrás dele(a) para o apanhar; sente-se perseguido(a)
0	1	2	35	Sente-se sem valor ou inferior aos outros
0	1	2	36	Magoa-se muito, tem tendência para acidentes
0	1	2	37	Mete-se em muitas lutas/ brigas
0	1	2	38	Fazem pouco dele(a) frequentemente
0	1	2	39	Anda com outras crianças/ jovens que se metem em sarilhos
0	1	2	40	Duve sons ou vozes que não existem (descreva): _____
0	1	2	41	É impulsivo(a) ou age sem pensar
0	1	2	42	Gosta mais de estar sozinho(a) do que acompanhado(a)
0	1	2	43	Mente ou faz botota
0	1	2	44	Rói as unhas
0	1	2	45	É nervoso(a), irritável, tenso(a)
0	1	2	46	Tem movimentos nervosos ou tiques (descreva): _____
0	1	2	47	Tem pesadelos
0	1	2	48	As outras crianças/ jovens não gostam dele(a)
0	1	2	49	Tem prisão de ventre, obstipação
0	1	2	50	É demasiado medroso(a) ou ansioso(a)
0	1	2	51	Sente tonturas
0	1	2	52	Sente-se demasiado culpado(a)
0	1	2	53	Come demais
0	1	2	54	Cansa-se demasiado
0	1	2	55	Tem peso a mais

0 = Não verdadeira

1 = De alguma forma ou algumas vezes verdadeira

2 = Muito verdadeira ou frequentemente verdadeira

0	1	2	56	Apresenta problemas físicos sem causa médica conhecida:
0	1	2	a	Dores (sem ser dores de cabeça ou de barriga)
0	1	2	b	Dores de cabeça
0	1	2	c	Náuseas, sente enjoos
0	1	2	d	Problemas com a vista (não incluindo problemas corrigidos por óculos ou lentes de contacto) (descreva): _____
0	1	2	e	Irritações de pele/ borbulhas ou outros problemas de pele
0	1	2	f	Dores de estômago ou cólicas
0	1	2	g	Vômitos
0	1	2	h	Outros problemas (descreva): _____
0	1	2	57	Agride fisicamente outras pessoas
0	1	2	58	Tira coisas do nariz, arranca coisas da pele ou de outras partes do corpo (descreva): _____
0	1	2	59	Mexe ou brinca com os seus órgãos sexuais em público
0	1	2	60	Mexe ou brinca demasiado com os seus órgãos sexuais
0	1	2	61	O seu trabalho escolar é fraco
0	1	2	62	Tem fraca coordenação, é desajeitado(a) ou desastrado(a)
0	1	2	63	Prefere andar com crianças/ jovens mais velhos
0	1	2	64	Prefere andar com crianças/ jovens mais novos
0	1	2	65	Recusa-se a falar
0	1	2	66	Repete várias vezes e com insistência as mesmas ações ou gestos; tem compulsões (descreva): _____
0	1	2	67	Foge de casa
0	1	2	68	Grita muito
0	1	2	69	É reservado(a), guarda as coisas para si mesmo(a)
0	1	2	70	Vê coisas que não existem, que não estão presentes (descreva): _____
0	1	2	71	Mostra-se embaraçado(a) ou pouco à vontade
0	1	2	72	Provoça fogos
0	1	2	73	Tem problemas sexuais (descreva): _____
0	1	2	74	Gosta de se "exibir" ou de fazer palhaçadas
0	1	2	75	É envergonhado(a) ou tímido(a)
0	1	2	76	Dorme menos que a maior parte das crianças
0	1	2	77	Dorme mais do que a maior parte das crianças, durante o dia e/ou durante a noite (descreva): _____
0	1	2	78	É desatento(a), distrai-se facilmente
0	1	2	79	Tem problemas de linguagem ou dificuldade de articulação das palavras (descreva): _____
0	1	2	80	Fica de olhar fixo e vazio
0	1	2	81	Rouba coisas em casa
0	1	2	82	Rouba coisas fora de casa
0	1	2	83	Acumula coisas de que não necessita (descreva): _____
0	1	2	84	Tem comportamentos estranhos (descreva): _____
0	1	2	85	Tem ideias estranhas (descreva): _____
0	1	2	86	É tímido(a), mal-humorado(a) ou irritável
0	1	2	87	Tem mudanças repentinas de disposição ou sentimentos
0	1	2	88	Amua muito
0	1	2	89	É desconfiado(a)
0	1	2	90	Diz palavrões ou usa linguagem obscena
0	1	2	91	Fala em matar-se
0	1	2	92	Fala ou anda durante o sono (descreva): _____
0	1	2	93	Fala demasiado
0	1	2	94	Amelia muito os outros
0	1	2	95	Tem birras, temperamento exaltado
0	1	2	96	Pensa demasiado em sexo
0	1	2	97	Ameaça as pessoas

0 = Não verdadeira
1 = De alguma forma ou algumas vezes verdadeira
2 = Muito verdadeira ou frequentemente verdadeira

0	1	2	98	Chupa no dedo
0	1	2	99	Consome tabaco
0	1	2	100	Tem dificuldades em dormir (descreva): _____
0	1	2	101	Falta à escola sem razão (por "vadiagem")
0	1	2	102	É pouco ativo(a), vagaroso(a), tem falta de energia
0	1	2	103	É infeliz, triste ou deprimido(a)
0	1	2	104	É invulgarmente barulhento(a)
0	1	2	105	Consome drogas sem razões médicas (descreva): _____
0	1	2	106	Comete atos de vandalismo
0	1	2	107	Urina-se durante o dia
0	1	2	108	Urina na cama
0	1	2	109	Choramíngas
0	1	2	110	Gostaria de ser do sexo oposto
0	1	2	111	Isola-se, não se mistura nem estabelece relações com os outros
0	1	2	112	É preocupado(a)
0	1	2	113	Por favor indique outros problemas do seu filho(a) que não tenham ainda sido referidos
0	1	2		_____
0	1	2		_____
0	1	2		_____

VERIFIQUE, POR FAVOR, SE RESPONDEU A TODAS AS QUESTÕES

SUBLINHE AS QUE O(A) PREOCUPAM DE UM MODO PARTICULAR

I

Por favor enumere os desportos favoritos do seu filho(a). Por exemplo: natação, futebol, patinagem, skate, andar de bicicleta, pesca, etc.

Tempo – Em comparação com outras crianças/jovens da mesma idade, passa aproximadamente quanto tempo a praticar cada um? (1- Menos que a média, 2 – Médio; 3 – Mais que a média)

Competência – Em comparação com outras crianças/jovens da mesma idade, em que grau consegue sair-se bem em cada um (1 – Pior que a média, 2 – Médio, 3 – melhor que a média)

Não pratica nenhum desporto | |

Desportos	Tempo			Competência				
	Não sei	Menos	Médio	Mais	Não sei	Pior	Médio	Melhor
a.		1	2	3		1	2	3
b.		1	2	3		1	2	3
c.		1	2	3		1	2	3

II

Por favor enumere os passatempos, atividades e jogos favoritos do seu filho(a) que não sejam desportos. Por exemplo: selos, bonecas, piano, trabalhos manuais, cantar, etc. (Não inclua ouvir rádio ou ver televisão).

Tempo – Em comparação com outras crianças/jovens da mesma idade, passa aproximadamente quanto tempo a praticar cada um? (1- Menos que a média, 2 – Médio; 3 – Mais que a média)

Competência – Em comparação com outras crianças/jovens da mesma idade, em que grau consegue sair-se bem em cada um (1 – Pior que a média, 2 – Médio, 3 – melhor que a média)

Nenhum passatempo, atividade ou jogo

Passatempos, atividades ou jogos	Tempo			Competência				
	Não sei	Menos	Médio	Mais	Não sei	Pior	Médio	Melhor
a.		1	2	3		1	2	3
b.		1	2	3		1	2	3
c.		1	2	3		1	2	3

III

Por favor enumere quaisquer organizações, clubes, equipas ou grupos a que o seu filho(a) pertença.

Grau de atividade – Em comparação com outras crianças/ jovens da mesma idade, em que grau é ativo em cada um (1 – menos ativo, 2 – médio, 3 – mais ativo)?

Não pertence a nenhuma organização, clube ou grupo

Organização, clube ou grupo	Atividade			
	Não sei	Menos	Médio	Mais
a.		1	2	3
b.		1	2	3
c.		1	2	3

IV

Por favor enumere quaisquer empregos ou tarefas do seu filho(a). Por exemplo: dar explicações, tomar conta de crianças, fazer a cama, etc.

Grau de competência – Em comparação com outras crianças/ jovens da mesma idade, em que grau consegue desempenhá-los bem (1 – Abaixo da média, 2 – Médio, 3 – acima da média)?

Tarefas	Competência			
	Não sei	Abaixo	Médio	Acima
a.		1	2	3
b.		1	2	3
c.		1	2	3

XI

V

1. O seu filho(a) tem aproximadamente quantos(as) amigos(as) íntimos(as)? (Não incluir irmãos ou irmãs)

Nenhum amigo 1 amigo 2 ou 3 amigos 4 ou mais amigos

2. O seu filho(a) tem atividades com os amigos(as) fora das horas de aula aproximadamente quantas vezes por semana? (Não inclua irmãos e irmãs)

Menos que 1 vez 1 ou 2 vezes 3 ou mais vezes

VI.

Em comparação com outras crianças/jovens da mesma idade, até que ponto o seu filho(a) consegue relacionar-se com as seguintes pessoas? (Responda da seguinte forma: 1- Pior, 2 – Próximo da média; 3 - Melhor):

Não tem irmãos

	Pior	Médio	Melhor
a. Consegue relacionar-se adequadamente com os seus irmãos e irmãs?	1	2	3
b. Consegue relacionar-se adequadamente com outras crianças/jovens?	1	2	3
c. Consegue comportar-se adequadamente em relação aos pais?	1	2	3
d. Consegue divertir-se e trabalhar por si próprio(a)?	1	2	3

VII

1. Para crianças com 6 ou mais anos de idade – relativamente a cada uma das disciplinas escolares da tabela, indique como têm sido os resultados a cada uma delas (0 – maus resultados, 1 – abaixo da média, 2 – médio, 3 – acima da média).

Disciplinas	Maus resultados	Abaixo da média	Médio	Acima da média
a. Português	0	1	2	3
b. Francês e/ou Inglês	0	1	2	3
c. Matemática	0	1	2	3
d. História	0	1	2	3

Outras disciplinas escolares – por exemplo: Físico-Química, Biologia, Geografia, Educação Visual

Disciplinas	Maus resultados	Abaixo da média	Médio	Acima da média
e.	0	1	2	3
f.	0	1	2	3
g.	0	1	2	3

XII

2. O seu filho(a) frequenta algum estabelecimento ou classe de ensino especial?

Não Sim

(que tipo de estabelecimento ou classe? _____)

3. O seu filho(a) repetiu algum ano?

Não Sim

(Qual e porquê? _____)

4. O seu filho(a) teve algum problema na escola, de aprendizagem ou outro?

Não Sim (Descreva-a, por favor _____)

Que tipo de problema? _____

Quando começaram esses problemas? _____

Os problemas mencionados já acabaram? _____

O seu filho(a) tem alguma doença, deficiência física ou mental?

Não Sim (Descreva-a, por favor _____)

O que o(a) preocupa mais no seu filho(a)? _____

Por favor, descreva o que o seu filho(a) tem de melhor:

**INVENTÁRIO DE COMPORTAMENTOS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE 6 A 18 ANOS
VERSÃO BRASILEIRA DO "CHILD BEHAVIOR CHECKLIST FOR AGES 6-18"
(CBCL/6-18)**

Número de identificação: _____

DATA DE HOJE: ____/____/____
 dia mês ano

NOME DA CRIANÇA/ADOLESCENTE (completo):

SEXO: Masculino Feminino

GRUPO ÉTNICO OU RAÇA: _____

IDADE: _____

DATA DE NASCIMENTO: ____/____/____
 dia mês ano

ESCOLARIDADE (série atual): _____

NÃO FREQUENTA ESCOLA:

ESTÁ FICHA ESTÁ SENDO PREENCHIDA POR (informante):

Nome completo: _____

Sexo: Masculino Feminino

Grau de parentesco ou tipo de relacionamento com a criança ou adolescente:

Pai/Mãe biológico(a) Padrasto/Madrasta Avô/Avó

Pai/Mãe adotivo(a) Outro (especificar): _____

TRABALHO DOS PAIS: OCUPAÇÃO HABITUAL
mesmo que não estejam trabalhando no momento
Favor especificar o tipo de ocupação – por
exemplo: mecânico de automóveis, professor de
segundo grau, dona de casa, pedreiro, tomador
mecânico, vendedor de sapatos, sargento de
exército.

Tipo de trabalho do pai:

Tipo de trabalho da mãe:

Favor preencher este questionário de acordo com seu ponto de vista sobre o comportamento de seu filho, mesmo que outras pessoas não concordem. Comentários adicionais são bem-vindos e podem ser anotados ao lado de cada item e no final do questionário. FAVOR RESPONDER TODOS OS ITENS.

Copyright 2001. T. Achenbach, University of Vermont, 135 Prospect St., Burlington, VT 05401-3498 USA. www.ASB&A.org Versão brasileira: I.A.S. Bordin, C.S. Paula, C.S. Duarte – Departamento de Psiquiatria, Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina, Rua Botucatu 740, São Paulo, SP, 04023-062, Brasil.

I. Por favor cite os esportes que seu filho mais gosta de participar. Por exemplo: natação, futebol, voleibol, patins, skate, bicicleta, pescar, etc...	Comparando com outros da mesma idade, quanto tempo ele se dedica a cada um destes esportes?	Comparando com outros da mesma idade, qual o desempenho dele em cada um destes esportes?
	Menos Igual Mais Não sei	Menos Igual Mais Não sei
<input type="checkbox"/> Nenhum a. _____ b. _____ c. _____	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>

II. Por favor, cite as atividades, brincadeiras, passatempos e jogos preferidos do seu filho (excluir os esportes). Por exemplo: colecionar figurinhas, tocar violão, desenhar, soltar pipa, pular corda, caminho, ler, boneca, cantar, video-game, etc... (Incluir brincadeiras em grupo) (Não incluir rádio e TV)	Comparando com outros da mesma idade, quanto tempo ele se dedica a cada uma destas atividades?	Comparando com outros da mesma idade, qual o desempenho dele em cada uma destas atividades?
	Menos Igual Mais Não sei	Menos Igual Mais Não sei
<input type="checkbox"/> Nenhum a. _____ b. _____ c. _____	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>

III. Por favor, cite as organizações, clubes, times ou grupos aos quais seu filho pertence. Por exemplo: turma de amigos (fora da escola), grupos de igreja, teatro, música, etc.	Comparando com outros da mesma idade, como é a participação dele em cada um destes grupos?
	Menos Igual Mais Não sei
<input type="checkbox"/> Nenhum a. _____ b. _____ c. _____	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>

IV. Por favor, cite os trabalhos ou tarefas de seu filho. Por exemplo: Office boy, ajudante em feira, empacotador em supermercado, trabalho em loja, tomar conta de crianças, varrer a casa, arrumar a cama, lavar louça, etc. (Incluir trabalhos e tarefas pagos e sem pagamento).

Comparando com outros da mesma idade, qual o desempenho dele em cada uma destas funções?

	Pior	Igual	Melhor	Não sei
<input type="checkbox"/> Nenhum	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
a. _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b. _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c. _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

V. 1. Quantos amigos íntimos seu filho tem? (Não incluir irmãos e irmãs)

2. Quantas vezes por semana seu filho encontra amigos ou colegas fora do horário da escola? (Não incluir irmãos e irmãs)

<input type="checkbox"/> Nenhum	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2 ou 3	<input type="checkbox"/> 4 ou mais
<input type="checkbox"/> Menos que 1	<input type="checkbox"/> 1 ou 2	<input type="checkbox"/> 3 ou mais	

VI. Comparando com outros da mesma idade, de que forma seu filho:

	Pior	Igual	Melhor	
a. Se dá com seus irmãos e irmãs?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Não tem irmãos ou irmã
b. Se dá com outras crianças (ou adolescentes)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Não tem contato com os irmãos ou irmãs
c. Se comporta em relação aos pais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
d. Brinca ou trabalha sozinho?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

VII. 1. Desempenho nas matérias escolares (responder este item a partir da primeira série)

Se a criança (ou adolescente) não estiver frequentando a escola, favor especificar o motivo:

Comparando com outros da mesma idade, como é o desempenho de seu filho nas matérias escolares?

Só deixe em branco as matérias que seu filho não estiver cursando.

	Inuficiente (abaixo da média exigida pela escola)	Pior	Igual	Melhor
a. Literatura ou Português	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b. História ou Estudos Sociais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c. Matemática ou Aritmética	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d. Ciências	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outras matérias escolares. (Por exemplo: geografia, inglês, curso de computação). Não incluir educação física, trabalhos manuais ou artísticos.				
e. _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f. _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
g. _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. Seu filho está em classe especial ou em escola especializada?

Não Sim – Especifique o tipo de classe ou escola:

3. Seu filho já repetiu de ano?

Não Sim – Especifique as séries e os motivos:

4. Seu filho já teve problemas no desempenho escolar ou outros tipos de problemas na escola?

Não Sim – Descreva-os:

Quando começaram estes problemas?

Estes problemas já se resolveram?

Não Sim – Quando?

Seu filho tem alguma doença ou deficiência (física ou mental)?

Não Sim – Descreva:

Quais suas maiores preocupações em relação a seu filho?

Descreva as qualidades, os pontos positivos de seu filho.

Confira suas respostas para certificar-se de ter respondido todos os itens.

A lista abaixo contém itens que descrevem comportamentos de crianças e adolescentes. Considere seu filho ATUALMENTE e NOS ÚLTIMOS 6 MESES e classifique os itens da lista abaixo conforme três possibilidades:

Marque 0 se item FALSO ou comportamento ausente.

Marque 1 se tem MAIS OU MENOS VERDADEIRO ou comportamento às vezes presente.

Marque 2 se item BASTANTE VERDADEIRO ou comportamento freqüentemente presente.

Para cada item, faça um círculo ao redor do número 0, 1 ou 2.

Favor responder todos os itens, mesmo aqueles que parecem não ter nenhuma relação com o comportamento de seu filho.

- | | | | |
|-----------------|---|-------|--|
| 0 1 2 | 1. Comporta-se de modo infantil, como se tivesse menos idade | 0 1 2 | 10. É agitado, não para quieto |
| 0 1 2 | 2. Toma bebida alcoólica sem a permissão dos pais | 0 1 2 | 11. Fica grudado nos adultos, é muito dependente |
| Descreva: _____ | | 0 1 2 | 12. Queixa-se de solidão |
| _____ | | 0 1 2 | 13. Parece estar confuso, atordoado |
| _____ | | 0 1 2 | 14. Chora muito |
| 0 1 2 | 3. Argumenta muito (apresenta argumentos para não fazer o que se espera que ele faça) | 0 1 2 | 15. É cruel com os animais |
| 0 1 2 | 4. Não consegue terminar as coisas que começa | 0 1 2 | 16. É cruel, maltrata as pessoas |
| 0 1 2 | 5. Há poucas coisas que lhe dão prazer | 0 1 2 | 17. Fica no "mundo da lua", perdido nos próprios pensamentos (devaneios) |
| 0 1 2 | 6. Faz cocô na calça ou fora do vaso sanitário/ penico | 0 1 2 | 18. Machuca-se de propósito ou já tentou suicidar-se |
| 0 1 2 | 7. É convencido, conta vantagem | 0 1 2 | 19. Exige que prestem atenção nele |
| 0 1 2 | 8. Não se concentra, não consegue prestar atenção por muito tempo | 0 1 2 | 20. Destroí as próprias coisas |
| 0 1 2 | 9. Não consegue tirar certos pensamentos da cabeça (obsessões) | 0 1 2 | 21. Destroí as coisas de sua família ou de outras pessoas |
| Descreva: _____ | | 0 1 2 | 22. É desobediente em casa |
| _____ | | 0 1 2 | 23. É desobediente na escola |
| _____ | | 0 1 2 | 24. É difícil para comer (não quer se alimentar direito) |
| | | 0 1 2 | 25. Não se dá bem com outras crianças ou (adolescentes) |

0 1 2 26. Falta de arrependimento, não se sente culpado após ter se comportado mal

Descreva: _____

0 1 2 27. Fica com ciúmes facilmente

0 1 2 28. Desrespeita regras em casa, na escola ou em outros lugares

0 1 2 29. Tem medo de certos animais, situações ou lugares (não incluir a escola)

Descreva: _____

0 1 2 30. Tem medo da escola

Descreva: _____

0 1 2 31. Tem medo de pensar ou de fazer algo destrutivo (contra si ou contra outros)

0 1 2 32. Tem "mania de perfeição", acha que tem que fazer tudo certinho

0 1 2 33. Acha que ninguém gosta dele

0 1 2 34. Acha que os outros o perseguem

0 1 2 35. Sente-se desvalorizado, inferior

0 1 2 36. Machuca-se com frequência, tem tendência a sofrer acidentes

0 1 2 37. Entra em muitas brigas

0 1 2 38. É alvo de gozações frequentemente

0 1 2 39. Anda em más companhias

0 1 2 40. Escuta sons ou vozes que não existem

Descreva: _____

0 1 2 41. É impulsivo, age sem pensar

0 1 2 42. Prefere ficar sozinho que na companhia de outros

0 1 2 43. Mentira ou engana os outros

0 1 2 44. Rói unhas

0 1 2 45. É nervoso ou tenso

0 1 2 46. Tem "tique nervoso", cacoete

Descreva: _____

0 1 2 47. Tem pesadelos

0 1 2 48. As outras crianças (ou adolescentes) não gostam dele

0 1 2 49. Tem prisão de ventre, intestino preso

0 1 2 50. É apreensivo, aflito ou ansioso demais

0 1 2 51. Tem tonturas

0 1 2 52. Sente-se excessivamente culpado

0 1 2 53. Come exageradamente

0 1 2 54. Sente-se cansado demais sem motivo

0 1 2 55. Está gordo demais

56. Na sua opinião, apresenta problemas físicos por "nervoso" (**sem causa médica**):

0 1 2 a. Dores (**diferentes** das citadas abaixo)

0 1 2 b. Dores de cabeça

0 1 2 c. Náuseas, enjôos

0 1 2 d. Problemas com os olhos (que **não desaparecem** com o uso de óculos)

Descreva: _____

0 1 2 e. Problemas de pele

0 1 2 f. Dores de estômago ou de barriga

0 1 2 g. Vômitos

0 1 2 h. Outras queixas

Descreva: _____

0 1 2 57. Ataca fisicamente as pessoas

0 1 2 58. Fica cutucando o nariz, a pele ou outras partes do corpo

Descreva: _____

0 1 2 59. Mexe nas partes íntimas em público

0 1 2 60. Mexe demais nas partes íntimas

0 1 2 61. Não vai bem na escola

0 1 2 62. É desastrado, desajeitado (tem má coordenação motora)

0 1 2 63. Prefere conviver com crianças (ou adolescentes) mais velhas

0 1 2 64. Prefere conviver com crianças (ou adolescentes) mais novas

0 1 2 65. Recusa-se a falar

0 1 2 66. Repete certos atos várias vezes seguidas (compulsões)

Descreva: _____

0 1 2 67. Foge de casa

0 1 2 68. Grita muito

0 1 2 69. É reservado, fechado, não conta suas coisas para ninguém

0 1 2 70. Vê coisas que não existem

Descreva: _____

0 1 2 71. Fica sem jeito na frente dos outros com facilidade, preocupado com o que as pessoas possam achar dele

0 1 2 72. Põe fogo nas coisas

0 1 2 73. Tem problemas sexuais

Descreva: _____

0 1 2 74. Fica se mostrando ou fazendo palhaçadas

0 1 2 75. É muito tímido

0 1 2 76. Dorme menos que a maioria das crianças (ou adolescentes)

0 1 2 77. Dorme mais que a maioria das crianças (ou adolescentes) durante o dia e/ou à noite

Descreva: _____

0 1 2 78. É desalento, distrai-se com facilidade

0 1 2 79. Tem problemas de fala

Descreva: _____

0 1 2 80. Fica com o olhar parado, "olhando o vazio"

0 1 2 81. Rouba em casa

0 1 2 82. Rouba fora de casa

0 1 2 83. Junta coisas das quais não precisa e que não servem para nada.

Descreva: _____

0 1 2 84. Tem comportamento estranho

Descreva: _____

0 1 2 85. Tem idéias estranhas

Descreva: _____

0 1 2 86. É mal humorado, irrita-se com facilidade

0 1 2 87. Tem mudanças repentinas de humor ou de sentimentos

0 1 2 88. Fica emburrado facilmente

0 1 2 89. É desconfiado

0 1 2 90. Xinga ou fala palavrões

0 1 2 91. Fala que vai se matar

0 1 2 92. Fala ou anda dormindo

Descreva: _____

0 1 2 93. Fala demais

0 1 2 94. Gosta de "gozar da cara" dos outros

0 1 2 95. É esquentado, tem acessos de raiva

0 1 2 96. Pensa demais em sexo

0 1 2 97. Ameaça as pessoas

0 1 2 98. Chupa dedo

0 1 2 99. Fuma cigarro, masca fumo ou cheira tabaco

0 1 2 100. Tem problemas com o sono

Descreva: _____

0 1 2 101. Mata aula (cabula aula, gaseia)

0 1 2 102. É pouco ativo, movimenta-se vagarosamente ou falta-lhe energia

0 1 2 103. É infeliz, triste ou deprimido

0 1 2 104. É barulhento demais

0 1 2 105. Usa drogas (**excluir** álcool e tabaco)

Descreva: _____

0 1 2 106. Estraga ou destrói coisas públicas (vandalismo)

0 1 2 107. Faz xixi na roupa durante o dia

0 1 2 108. Faz xixi na cama

0 1 2 109. Fica choramingando, fazendo manha

0 1 2 110. Gostaria de ser do sexo oposto

0 1 2 111. É retraído, não se relaciona com os outros

0 1 2 112. É muito preocupado

113. Favor anotar abaixo outros problemas de seu filho que não foram abordados nos itens acima:

0 1 2 _____

0 1 2 _____

0 1 2 _____

Confira suas respostas para certificar-se de ter respondido todos os itens.

Anexo C

Questionário de Comportamento da Criança

RELATÓRIO DO PROFESSOR

TRF 6-18 (© T. M. Achenbach, 1995)

Copyright T. M. Achenbach. Reproduced under License #195-07-20-06

Tradução autorizada:

Fonseca et al.

Nome do(a) aluno(a): _____

Data de Nascimento: __/__/____ Idade: ____ anos

Sexo: Masculino Feminino Ano de Escolaridade: _____

Nome do(a) Professor(a): _____

Escola: _____ Data de Avaliação: __/__/____

- Há quanto tempo conhece este(a) aluno(a)? _____
- Acha que o conhece... não muito bem razoavelmente muito bem
- Quanto tempo por semana é que ele(a) passa na sua aula? _____
- De que tipo de aula se trata? (p.f. concretize, ano, disciplina) _____
- Já alguma vez o(a) aluno(a) mereceu tratamento especial, por exemplo, em termos de escolha de turma, aulas de apoio ou ensino especial? _____
- Já repetiu algum ano? Sim Não
- Rendimento escolar atual relativamente ao nível da turma (coloque as disciplinas e assinale com uma cruz no espaço respetivo ao nível, por comparação com a turma):

Disciplina	Muito abaixo	Um pouco abaixo	Dentro do nível	Um pouco acima	Bastante acima

- Em comparação com os outros alunos da turma:

	Multíssimo menos	Menos	Um pouco menos	Na média	Um pouco mais	Mais	Multíssimo mais
Está a trabalhar							
Está a comportar-se adequadamente							
Está a aprender							
É feliz							

- Resultados mais recentes nas provas de avaliação (se disponíveis):

- Este(a) aluno(a) tem alguma doença, problema físico ou mental? Sim Não

Por favor, descreva: _____

11. O que o(a) preocupa mais neste(a) aluno(a)? _____

12. Por favor, descreva o que este(a) aluno(a) tem de melhor _____

13. Por favor, escreva, se assim o desejar, outros comentários referentes a este(a), ao seu comportamento ou ao seu trabalho: _____

Segue-se uma lista de itens que descrevem o(a) seu aluno(a), agora ou nos últimos dois meses. Coloque, por favor, uma cruz no 2 se a afirmação é muito verdadeira ou frequentemente verdadeira, coloque uma cruz no 1 se a afirmação é de alguma forma ou algumas vezes verdadeira. Se o item não é verdadeiro, coloque uma cruz no 0.

0 = Não verdadeira (tanto quanto sabe)

1 = De alguma forma ou algumas vezes verdadeira

2 = Muito verdadeira ou frequentemente verdadeira

0	1	2	1	Age de uma maneira demasiado infantil para a sua idade
0	1	2	2	Cantarola com os lábios fechados ou faz barulhos esquisitos na aula
0	1	2	3	Discute muito
0	1	2	4	Não consegue acabar as coisas que começa
0	1	2	5	Não há muita coisa de que goste
0	1	2	6	Desafiador, refila com os professores e funcionários
0	1	2	7	É fanfarrão ou gabarola
0	1	2	8	Não consegue concentrar-se, não consegue estar atento(a) durante muito tempo
0	1	2	9	Não consegue afastar certas ideias do pensamento; obsessões ou ciúmas (descreva): _____
0	1	2	10	Não é capaz de ficar sentado(a) sossegado(a), é muito ativo(a) ou irrequieto(a)
0	1	2	11	Agarra-se aos adultos ou é muito dependente
0	1	2	12	Queixa-se de solidão
0	1	2	13	Fica confuso(a) ou desorientado(a) (parece não saber onde está)
0	1	2	14	Chora muito
0	1	2	15	Tem gestos e movimentos de irrequietude ou desassossego
0	1	2	16	Manifesta crueldade, ameaça ou é mau para os outros
0	1	2	17	Sonha acordado(a) ou perde-se nos seus pensamentos
0	1	2	18	Magoa-se de propósito ou já fez tentativas de suicídio
0	1	2	19	Exige muita atenção
0	1	2	20	Destroi as suas próprias coisas
0	1	2	21	Destroi o que é propriedade dos outros
0	1	2	22	Tem dificuldade em seguir instruções
0	1	2	23	É desobediente na escola
0	1	2	24	Perturba os colegas
0	1	2	25	Não se dá bem com as outras crianças
0	1	2	26	Não parece sentir-se culpado(a) depois de se ter comportado mal
0	1	2	27	Tem ciúmes com facilidade, é invejoso(a)
0	1	2	28	Quebra as regras na escola
0	1	2	29	Tem medo de determinados animais, situações ou lugares, sem incluir a escola (descreva): _____
0	1	2	30	Tem medo de ir para a escola
0	1	2	31	Tem medo de pensar ou fazer qualquer coisa de mal
0	1	2	32	Sente que tem de ser perfeito(a)

0 = Não verdadeira (tanto quanto sabe)
1 = De alguma forma ou algumas vezes verdadeira
2 = Muito verdadeira ou frequentemente verdadeira

0	1	2	33	Sente ou queixa-se que ninguém gosta dele(a)
0	1	2	34	Sente que os outros andam atrás dele(a) para o apanhar, sente-se perseguido(a)
0	1	2	35	Sente-se sem valor ou inferior aos outros
0	1	2	36	Magoa-se muito, tem tendência para acidentes
0	1	2	37	Mete-se em muitas lutas/ brigas
0	1	2	38	Fazem pouco dele(a) frequentemente
0	1	2	39	Anda com outras crianças/jovens que se metem em sarilhos
0	1	2	40	Ouve sons ou vozes que não existem (descreva): _____
0	1	2	41	É impulsivo(a) ou age sem pensar
0	1	2	42	Gosta mais de estar sozinho(a) do que acompanhado(a)
0	1	2	43	Mente ou faz batota
0	1	2	44	Rói as unhas
0	1	2	45	É nervoso(a), irritável ou tenso(a)
0	1	2	46	Tem movimentos nervosos ou tiques (descreva): _____
0	1	2	47	É demasiado escrupuloso(a) no respeito pelas regras
0	1	2	48	As outras crianças/jovens não gostam dele(a)
0	1	2	49	Tem dificuldade em aprender
0	1	2	50	É demasiado medroso(a) ou ansioso(a)
0	1	2	51	Sente tonturas
0	1	2	52	Sente-se demasiado culpado
0	1	2	53	Fala fora da sua vez
0	1	2	54	Cansa-se demasiado
0	1	2	55	Tem peso a mais
0	1	2	56	Apresenta problemas físicos sem causa médica conhecida:
0	1	2	a	Dores (sem ser dores de cabeça ou de barriga)
0	1	2	b	Dores de cabeça
0	1	2	c	Náuseas, sente enjoos
0	1	2	d	Problemas com a vista (não incluindo problemas corrigidos por óculos ou lentes de contacto) (descreva): _____
0	1	2	e	Irritações de pele/ borbulhas ou outros problemas de pele
0	1	2	f	Dores de estômago ou cólicas
0	1	2	g	Vómitos
0	1	2	h	Outros problemas (descreva): _____
0	1	2	57	Agride fisicamente outras pessoas
0	1	2	58	Tira coisas do nariz, arranca coisas da pele ou de outras partes do corpo (descreva): _____
0	1	2	59	Dorme nas aulas
0	1	2	60	Mostra-se apático(a) ou desmotivado(a)
0	1	2	61	O seu trabalho escolar é fraco
0	1	2	62	Tem fraca coordenação, é desajeitado(a) ou desastrado(a)
0	1	2	63	Prefere andar com crianças/jovens mais velhos
0	1	2	64	Prefere andar com crianças/jovens mais novos
0	1	2	65	Recusa-se a falar
0	1	2	66	Repete várias vezes e com insistência as mesmas ações ou gestos; tem compulsões (descreva): _____
0	1	2	67	Quebra a disciplina da aula
0	1	2	68	Grita muito
0	1	2	69	É reservado(a), guarda as coisas para si mesmo
0	1	2	70	Vê coisas que não existem, que não estão presentes (descreva): _____
0	1	2	71	Mostra-se embaraçado ou pouco à vontade
0	1	2	72	O seu trabalho é sujo e/ou confuso

0 = Não verdadeira (tanto quanto sabe)
 1 = De alguma forma ou algumas vezes verdadeira
 2 = Muito verdadeira ou frequentemente verdadeira

0	1	2	73	Comporta-se irresponsavelmente (descreva): _____
0	1	2	74	Gosta de se "exibir" ou de fazer palhaçadas
0	1	2	75	É envergonhado(a) ou tímido(a)
0	1	2	76	O seu comportamento é explosivo ou imprevisível
0	1	2	77	Os seus pedidos têm que ser satisfeitos imediatamente, fica facilmente frustrado(a)
0	1	2	78	É desatento(a), distrai-se facilmente
0	1	2	79	Tem problemas de linguagem ou dificuldades de articulação das palavras (descreva): _____
0	1	2	80	Fica de olhar fixo e vazio
0	1	2	81	Sente-se magoado(a) quando é criticado(a)
0	1	2	82	Rouba
0	1	2	83	Acumula coisas que não necessita (descreva): _____
0	1	2	84	Tem comportamentos estranhos (descreva): _____
0	1	2	85	Tem ideias estranhas (descreva): _____
0	1	2	86	É teimoso(a), mal-humorado(a) ou irritável
0	1	2	87	Tem mudanças repentinas de disposição ou sentimentos
0	1	2	88	Amua muito
0	1	2	89	É desconfiado(a)
0	1	2	90	Diz palavrões ou usa linguagem obscena
0	1	2	91	Fala em matar-se
0	1	2	92	Tem fraco aproveitamento, trabalha abaixo das suas capacidades
0	1	2	93	Fala demasiado
0	1	2	94	Arreia muito os outros
0	1	2	95	Tem birras, temperamento exaltado
0	1	2	96	Pensa demasiado em sexo
0	1	2	97	Ameaça as pessoas
0	1	2	98	Chega atrasado(a) à escola ou às aulas
0	1	2	99	Consome tabaco
0	1	2	100	Não consegue fazer as tarefas de que é incumbido
0	1	2	101	Falta à escola sem razão (por "vadiagem")
0	1	2	102	É pouco ativo, vagaroso, tem falta de energia
0	1	2	103	É infeliz, triste ou deprimido(a)
0	1	2	104	É invulgarmente barulhento(a)
0	1	2	105	Consome bebidas alcoólicas ou drogas sem razões médicas (descreva): _____
0	1	2	106	Preocupa-se demasiado em agradar
0	1	2	107	Não gosta da escola
0	1	2	108	Tem receio em cometer erros
0	1	2	109	Choraminga
0	1	2	110	Tem um ar pouco asseado
0	1	2	111	Isola-se, não se mistura nem estabelece relações com os outros
0	1	2	112	É preocupado(a)
0	1	2	113	Por favor indique outros problemas do(a) aluno(a) que não tenham ainda sido referidos: _____ _____ _____

VERIFIQUE, POR FAVOR, SE RESPONDEU A TODAS AS QUESTÕES

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO